

Índice

Introdução

- 02 PALCOS DE VIDA; PALCOS DO MUNDO!**
Joaquim Estêvão Miguel Judas
- 03 A FESTA NA CIDADE, DO TEATRO AZUL AO FEIJÓ**
Rodrigo Francisco
- 04 PERSONALIDADE HOMENAGEADA: LUIS MIGUEL CINTRA**
Maria Helena Serôdio

Espectáculos

- 09 ORQUÍDEAS**
- 11 BRANCA DE NEVE**
- 13 CANÇÕES I COMENTÁRIOS**
- 15 E SE NOS METÉSSEMOS AO BARULHO?!**
- 17 TESTAMENTO**
- 19 CAIS OESTE**
- 21 ALMADA DE QUARENTENA**
- 23 UM FIO DE JOGO**
- 25 CÍRCULO DE TRANSFORMAÇÃO EM ESPELHO**
- 27 IMPALPÁVEL**
- 29 AL PANTALONE**
- 31 MACBETH SEGUNDO SHAKESPEARE**
- 33 O TEMPO TODO INTEIRO**
- 35 A REUNIFICAÇÃO DAS DUAS COREIAS**
- 37 ODE MARÍTIMA**
- 39 A ARQUITECTURA DA PAZ**
- 41 A VERDADE**
- 43 FAUNA**
- 44 PLANILHA**
- 47 O REGIME DA RAÇÃO**
- 49 SUADO**
- 51 PRISÃO DE OCAÑA**
- 53 OS NEGROS E OS DEUSES DO NORTE**
- 55 REI UBU**
- 57 ÍON**
- 59 LIBRETTO**
- 61 ARRAIAL DELUXE**
- 63 PAISAGEM DESCONHECIDA**
- 65 ALEMANHA**
- 67 AS IRMÃS MACALUSO**
- 69 OS LUSÍADAS**
- 71 ESPECTÁCULOS DE RUA**

Actos complementares

- 74 O SENTIDO DOS MESTRES**
- 78 EXPOSIÇÕES DE ARTES PLÁSTICAS**
- 79 ENCONTRO DA CERCA**
- 80 COLÓQUIO I SEMINÁRIO DE INTERPRETAÇÃO**
- 81 TERTÚLIAS SOBRE *OS LUSÍADAS***
- 82 COLÓQUIOS NA ESPLANADA**
- 83 MÚSICA NA ESPLANADA**

Informações úteis

- 84 CONTACTOS E ACESSOS**
- 86 ASSINATURAS E BILHETES**
- 87 EQUIPA DO 31.º FESTIVAL DE ALMADA**

Palcos de Vida; palcos do Mundo!

O Festival de Teatro de Almada, uma parceria entre a Câmara Municipal de Almada e a Companhia de Teatro de Almada que faz subir aos palcos, sempre na primeira quinzena do mês de Julho, algumas das melhores produções de Teatro que se vão fazendo em Portugal e pelo mundo, decorre este ano na sua 31ª edição.

O Teatro e o Festival de Almada ocupam uma posição estratégica no quadro da promoção e desenvolvimento cultural prosseguido pelo Município de Almada desde há quase quatro décadas, assumindo um papel central no processo de construção de uma sociedade mais justa e mais humana que prosseguimos, onde o acesso e usufruto de todos ao saber e ao conhecimento constituem objectivo primordial e inalienável.

Todos os anos o Festival ocupa o nosso espaço e o nosso tempo. A cidade, as suas praças e ruas, as escolas, as salas de espectáculo, transfiguram-se em palcos onde se nos apresentam e se representam distintas formas de viver e conviver, múltiplos saberes de povos e culturas, diferentes experiências de vida, que, revelando-se perante nós, nos enriquecem na sua diversidade.

Essa mesma realidade irá certamente constituir o corolário desta trigésima primeira edição do nosso Festival. Assente na capacidade artística e no empenho da Companhia de Teatro de Almada, viveremos de novo uma excepcional oportunidade para contactar ao vivo com um ambicioso programa que nos oferecerá três dezenas de produções de primeira qualidade que, afirmando uma diversidade cultural muito abrangente, nos chegam da Europa (Portugal, Espanha, França, Reino Unido, Alemanha, Itália e Eslovénia), da América do Sul (Argentina) e da América do Norte (Canadá).

A todos quantos na Companhia de Teatro de Almada e nos Serviços da Câmara Municipal dão o melhor que sabem e que têm à organização desta imensa obra de arte que é o Festival de Teatro de Almada, promovendo através do seu trabalho e da sua arte o reconhecimento e o prestígio de Almada e do seu Povo, saúdo de forma calorosa e entusiástica pela concretização de uma nova edição do Festival de Teatro de Almada.

Ao imenso e entusiástico público, aquele que o Festival foi fidelizando ao longo dos anos e os novos amantes da arte de representar a vida que recruta a cada novo ano, às companhias, actores, encenadores, directores e técnicos, aos parceiros de sempre e desta trigésima primeira edição do Festival de Teatro – à Companhia de Teatro de Almada através do seu Director Rodrigo Francisco –, dirijo desde já o mais forte e caloroso aplauso pela coragem, dedicação, empenho e qualidade que souberam colocar no trabalho que guindará, uma vez mais, o nosso Festival de Teatro à galeria mais destacada dos eventos culturais que se realizam no nosso País.

Viva o Teatro!

Viva o 31º Festival de Teatro de Almada!

Joaquim Estêvão Miguel Judas
Presidente da Câmara Municipal de Almada

A Festa na Cidade, do Teatro Azul ao Feijó

Quando foi fundado, em 1984, na zona histórica da Cidade, o Festival de Almada (que começou por chamar-se *Festa*) consistia numa mostra dos espectáculos montados pelos grupos de teatro amadores que eram animados, ao longo do ano, por membros da Companhia de Teatro de Almada.

Nos vários espaços em que foi acontecendo, a proximidade com a população foi, creio, um dos esteios que lhe permitiu desenvolver-se, transpondo o rio para as salas de Lisboa. No que toca aos nossos colegas de profissão, tornou-se tácito para as companhias de teatro portuguesas que, entre 4 e 18 de Julho, antes do Verão que já é e das férias, “há Almada”, ou “há Festival”, como se, como dizia o outro, “*Festival haja só um*”. Mas não há: vivemos no País dos festivais.

Nos últimos anos, graças à prosperidade cervejeira e à dos telefones portáteis, surgiram em Portugal festivais como cogumelos – a maior parte nasce e extingue-se pouco depois, conforme convém aos grupos económicos que os sustentam. De Caminha a Vila Real de Santo António, não há produtor de eventos que não crie o seu festival de qualquer coisa: do berbigão, de gigantones, da sardinha assada. Os “*grandes acontecimentos*” – aqueles que envolvem muito dinheiro entre dormidas em hotéis, pé de dança, e comedorias –, esses, são respeitosamente chamados à mesa dos senhores que financiam o Turismo, porque, anunciam eles pomposamente, trata-se de uma “*mais-valia económica para o País*”: “*sacam pesetas*” aos turistas, como algum taxista manhoso que vá do Marquês ao Rossio via Santa Apolónia.

Quando se fala de *Festival*, está a falar-se do quê?

Sabemos que o que gastamos a alojar e a alimentar as centenas de artistas que cá vêm, ou a comprar materiais para as montagens, ou a empregar, sazonalmente, os jovens estudantes que nos ajudam – e alguns acabam depois por passar para o lado de cá do espelho, como eu passei... – não é pouco.

Mas não é o dinheiro, ou o mister de amealhá-lo, que nos move: é outra coisa.

É regressarmos, trinta anos passados, à proximidade tu-cá, tu-lá com a Cidade (e irmos à Rua Cândido dos Reis, à Praça do MFA, à Praça São João Baptista, à Praça da Portela, no Feijó, com espectáculos de rua que, mais do que criar festarola, lembrarão aos almadenses que o seu Festival irá decorrer em cinco salas da Cidade, e que em Almada há este ano 23 peças para ver). É iniciar, em parceria com a Share Foundation (que não nos inquiriu acerca de retornos económicos), um projecto de quatro anos chamado *O sentido dos Mestres*, porque somos dos que acham que, na Arte, faz sentido que os Mestres nos indiquem um sentido – nem que seja para poder, depois, pô-lo em causa, como os verdadeiros Mestres fazem constantemente consigo mesmos.

O que nos move, no fundo, é acharmos que um Festival não é uma negociata, e que, por exemplo, o que o Luis Miguel Cintra vai partilhar connosco na Casa da Cerca não é passível de ser inserido num caderninho de deve e haver. A *Enciclopédia Luso-Brasileira* diz-nos na entrada *Festival* que “já em Roma, no século IV a.C., numerosos músicos percorriam a cidade, nas festas de Junho. O famoso festival de Bayreuth foi inaugurado por Wagner em 1876, e entre os mais notáveis festivais europeus contemporâneos temos os de Salzburgo, Veneza, Haia, Cannes, Moscovo e Leninegrado”.

Quer se queira, quer não se queira, a palavra *Festival* carrega este lastro consigo.

Temos essa consciência quando chamamos *Festival* àquilo que fazemos. Temos bem claro, nas nossas cabeças, que o alcance de um *Festival*, uma *Festa* que é *estival*, não pode redundar em vender cerveja e bifanas (de que também gosto, por sinal). Não queremos ser farinha desse saco.

Vamos lá, então?

Rodrigo Francisco

Director Artístico do Festival de Almada

Personalidade homenageada: Luis Miguel Cintra

E escrever sobre Luis Miguel Cintra é um exercício simultaneamente tentador e arriscado: pelo fulgor da sua presença, pelo brilho da sua arte – no teatro, na ópera ou no cinema – e pela dificuldade que sentimos em desenvolver um discurso crítico que dê conta dessa sua múltipla actividade artística.

É tentador porque ele é um actor-encenador-tradutor que tem falado – e escrito – longamente sobre os espectáculos que cria, declarando a sua ideia de arte, explicando as razões das suas opções dramáticas, desenvolvendo uma argumentação que atravessa diversos territórios: a literatura, as artes (plásticas e musicais, sobretudo), a estética teatral, a responsabilidade cívica do gesto artístico, etc..

Por estas razões muito concretas, o simples facto de o citar é, desde logo, uma forma de aceder a um universo conceptual e a uma escrita fascinantes, a que podemos acrescentar a possibilidade de mobilizarmos uma iconografia que nos chega pelo trabalho inspirado de Cristina Reis, como cenógrafa e figurinista, e pelas belas fotografias sobretudo de Paulo Cintra, Laura Castro Caldas e Luís Santos a avivarem a nossa imprecisa memória.

A esse “espólio” acrescenta-se o belíssimo livro *Teatro da Cornucópia: espectáculos de 1973 a 2001* (que Cristina Reis e Margarida Reis paciente e dedicadamente compuseram) e, mais recentemente, o interessante sítio na internet (desenhado pela Terra das Ideias) que prolonga a memória do exercício artístico e chega generosamente a todos nós, não só com informações importantes sobre os espectáculos, mas também com um sedutor manancial de textos e imagens.

Mas, a par desta tentação de citar e “remeter para” as suas palavras e as suas acções teatrais, habita a responsabilidade de escrever alguma coisa que dê um testemunho pessoal da nossa experiência: e aí o risco é grande. Porque não é fácil transpor para a palavra o que nos chega de formas tão diversas e nos toca tão fundo: pelo que vem escrevendo, pela travessia artística que o faz transitar do teatro até à ópera, da tradução até à reelaboração dramática, do palco até ao cinema.

Arriscaria, porém, três breves notas sobre o seu trajecto artístico:

1. Como encenador e actor, trabalhando textos do passado ou de tempos mais recentes, reconhecemos que há uma constelação de sentidos e de formas artísticas que ele mobiliza para nos fazer chegar uma interpelação (e não “transposição”) cénica dessa realidade literária. E para isso apontam as reflexões que integra no programa que acompanha cada produção;

2. Mesmo quando encena textos do cânone universal (mas que nem sempre são os mais conhecidos), a criação cénica, que ele propõe, não se acomoda a um saber “arrumado”, antes procura a desinquietação de uma sensibilidade interrogativa;

3. Como actor e encenador, com um percurso artístico exemplar no plano nacional e internacional, e com um merecido reconhecimento nos importantes prémios recebidos (Prémio Pessoa, Troféu Latino, entre tantos outros), Luis Miguel Cintra vem publicamente confirmando, com a sua arte, o que em tempos ele próprio escreveu sobre o teatro: “*um instrumento privilegiado de busca de alguma verdade, um instrumento de pensamento e de prazer, uma maneira superior de estar com os outros*”.

Dessa sua presença e partilha cultural escreveu também Mário Dionísio, e vale a pena relembrar as suas palavras: “*A sua presença, a sua voz, a sua inteligência dos textos e da defesa deles – reinventando-os, interpretando-os, divulgando-os – tornaram-se indispensáveis à nossa cultura e ao futuro dela*”.

Maria Helena Serôdio

Presidente da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro





The background is an abstract composition of textures. A large, dark teal area with a fine, woven fabric-like texture occupies most of the frame. On the left side, there is a vertical strip of bright red material, also with a textured appearance, possibly leather or a different type of fabric. The red strip has some horizontal lines or stitching visible. The overall effect is one of depth and tactile quality.

ESPECTÁCULOS



EMILIA ROMAGNA TEATRO FONDAZIONE

Co-produção: Compagnia Pippo Delbono, Teatro di Roma, Nuova Scena - Arena del Sole, Teatro Stabile di Bologna, Théâtre du Rond Point, Maison de la Culture d'Amiens - Centre de Création et de Production

ORCHIDEE

ORQUÍDEAS

De **Pippo Delbono**

INTÉRPRETES

Bobò
Dolly Albertin
Gianluca Ballarè
Gianni Parenti
Grazia Spinella
Ilaria Distante
Julia Morawietz
Mario Intruglio
Nelson Lariccia
Pepe Robledo
Pippo Delbono
Simone Goggiano

IMAGENS E FILMES

Pippo Delbono

LUZ

Robert John Resteghini

SOM

Corrado Mazzone

FIGURINOS

Elena Giampaoli

LEGENDAS

David Pais

LÍNGUA

Italiano
legendado em português

DURAÇÃO

1h55

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Depois de, em 2006, se ter estreado no Festival com *Êxodo*, Pippo Delbono regressa para apresentar *Orquídeas*, a sua criação mais recente e, no entender da crítica internacional, uma das mais maduras e emotivas.

Atravessando os escombros de um mundo confuso, recolhendo estilhaços de vida e fragmentos de Shakespeare, Tchecov ou Pasolini, Delbono reconstrói e oferece o que pode: “a *minha própria confusão*”. O resultado é um conjunto – ora caótico, ora sentido – de quadros que mesclam o domínio público e o privado, memórias e factos da actualidade, a música e o vídeo, o teatro e a dança, o humor e a poesia.

Delbono descobre-se capaz de “*continuar a escrever e a falar de amor*” – e de tudo aquilo que, como o nosso tempo, como as orquídeas, encerra doses idênticas de Beleza e de Maldade: hesitamos muitas vezes quando temos de distinguir o autêntico do postiço.

Pippo Delbono (n. 1959, Varazze) é actor, encenador, dramaturgo e realizador. No início dos anos 80, fundou a Compagnia Pippo Delbono, com a qual levou à cena a maioria dos seus trabalhos, desde *O tempo dos assassinos* (1987) até *Orquídeas* (2013), apresentados em mais de 50 países e em diversos festivais internacionais, incluindo o Festival d'Avignon, a Bienal de Veneza e o Festival Grec de Barcelona. A sua obra dramática e cinematográfica tem sido amplamente premiada.

Pippo Delbono returns to the Festival with *Orchids*, a composition of fragments of Shakespeare, Chekhov and Pasolini – but also of daily life. Writing shortly after the death of his mother, Delbono finds his way through his own confusion – finding he can still write about things which, like orchids, are at once beautiful and evil: he is still able to write and speak about love.

ALMADA

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA
Palco Grande

SEX 04
22H00



BRANCA DE NEVE

De **Robert Walser**

Encenação de **António Aguiar**

INTÉRPRETES

Cátia Terrinca
 Diogo Dória
 Elmano Sancho
 Filipa Duarte
 Nuno Miranda

MÚSICO

André Tomás

ELOCUÇÃO

Luciana Ribeiro

Desenganem-se os que esperam encontrar nesta *Branca de Neve* uma princesa semelhante à imaginada pelos irmãos Grimm no início do século XIX ou à eternizada por Walt Disney em 1937. Robert Walser, “o autor favorito de Kafka”, subverteu completamente o tradicional curso da história. Retirou as personagens do pedestal e soprou para longe a auréola mítica que as envolvia. Afinal, as personagens dos contos de fadas também hão-de ser imprevisíveis como as outras, também hão-de viver nessa contradição irremediavelmente humana entre o exterior e o interior, o visível e o invisível, a essência e o simulacro. Não existem só heróis ou vilões. Nunca nada é tão simples como aparenta – e os beijos, as maçãs e os “*felizes para sempre*” escondem sempre outras mensagens.

Robert Walser (1878-1956), escritor suíço de língua alemã, abandonou a escola aos 14 anos para levar uma vida errante. Publicou o seu primeiro livro em 1904, intitulado *As composições de Fritz Kocher*, a que se seguiram *Os irmãos Tanner* (1907), *O ajudante* (1908) e *Jakob von Gunten* (1909), entre outros romances. Escreveu também poemas, ensaios e crónicas, ao mesmo tempo que enfrentava sucessivas depressões e crises alucinatórias. Em 1933 foi internado num hospício em Herisau, onde passou o resto da sua vida. Nesse instante desistiu de escrever: “*Não estou aqui para escrever, mas para ser louco*”.

Robert Walser, German-speaking Swiss writer, Kafka’s “*favorite author*”, wrote his *Snow White* in 1901, when he was 22. The story we are all familiar with – from Brothers Grimm’s or Disney’s versions, for instance –, however, is completely subverted: Walser’s version of the fairytale finds multiple layers of hidden meaning in the seemingly simple folklore.

DURAÇÃO

1h00

CLASSIFICAÇÃO

M/12



CANÇÕES i COMENTÁRIOS

De Rui Catalão

INTÉRPRETE

Rui Catalão

MÚSICO

Pedro Oliveira

SONOPLASTIA

João Bento

DESENHO DE LUZ

Cristóvão Cunha

FIGURINOS

Azuza Dannohara

Rui Catalão considera-se privilegiado por ter sido um dos poucos em Portugal a acompanhar a carreira musical de Blarmino (pseudónimo de João Pedro Pinto, n. 1977, em Coimbra), que qualifica como “*o maior talento musical português meu contemporâneo*”. Nas suas canções, Rui Catalão encontra o retrato e o repto de uma geração que, nascendo depois do 25 de Abril, foi educada para correr atrás dos seus sonhos e da sua vocação, e para impor os seus próprios valores, sem se moldar às limitações do mercado de trabalho – e à qual parece restar agora o caminho do desemprego, da emigração, da precariedade e da eterna insatisfação pessoal e profissional. Por isso, *Canções i comentários* pretende ser, simultaneamente, um acto de resgate cultural, um exercício de interpretação, escuta e encenação das canções de Blarmino, com todas as suas histórias e anedotas, e uma digressão pelo passado recente da nossa sociedade, perdida na reivindicação de um caminho diferente.

Rui Catalão (n. 1971, Cacém) é autor e intérprete de dezenas de solos e peças de teatro, entre os quais se destacam *Dentro das palavras* (2010) e *Auto-retrato assistido de Constantin Brâncuși* (2011). Trabalhou no Centrul National al Dansului, em Bucareste, entre 2006 e 2009, tendo ainda feito uma residência artística no Teatro Cullberg de Estocolmo e participado no festival Springdance, em Utrecht.

Rui Catalão was one of the few to witness Blarmino – the musical phenomenon he calls “*the greatest musical talent of my generation*” – perform live. Catalão calls him “*the voice of the generation born after the April 1974 Revolution*” – and he created *Canções i comentários* both as a tribute to Blarmino and an opportunity to share his talent with the world.

DURAÇÃO

1h40

CLASSIFICAÇÃO

M/12



ET SI ON S'Y METTAIT TOUS!

L'ART DE FAIRE DE LA VÉRITÉ UNE ARME MANIABLE

E SE NOS METÊSSEMOS AO BARULHO?!

A ARTE DE FAZER DA VERDADE UMA ARMA MANEJÁVEL

Criação colectiva de **François Chattot**, **Jean-Louis Hourdin**, **Christian Jehanin**
e **Martine Schambacher**, com a cumplicidade de **Benoît Lambert**

INTÉRPRETES

Christian Jehanin
François Chattot
Jean-Louis Hourdin
Martine Schambacher

CANÇÕES E MÚSICA

Michel Musseau

COLABORAÇÃO

Benoît Lambert

LEGENDAS

David Pais

Este ano, a pedido do público, uma mercearia ambulante põe-se novamente em marcha desde Dijon, atestada com o mais corrosivo dos combustíveis e trazendo quilos de moralidade e de “*verdade*” na bagagem, para estacionar, com grande aparato, no Pátio Prior do Crato. Neste espaço de comentário político e económico em que se transforma o balcão da mercearia ambulante, não há margem para rodeios, senhores de gravata ou palavras difíceis. O tempo de antena pertence à infinita indignação perante a ditadura dos mercados, das agências de notação financeira, dos bancos e fundos monetários.

Jean-Louis Hourdin, actor e encenador, trabalhou com encenadores como Jean-Pierre Vincent, Jean Jourdheuil e Peter Brook. Em 1976 funda o Grupo de Acção Teatral e, em 2004, a Casa Jacques Copeau, um espaço de formação teatral.

François Chattot, antigo director do Théâtre Dijon Bourgogne, já se apresentou no Festival de Almada dirigido por Luc Bondy (*À espera de Godot*, 2000), Jacques Nichet (*Combate de negro e de cães*, 2003) e Mathias Langhoff (*Cabaret Hamlet*, 2010).

Christian Jehanin, actor, encenador e professor, formou-se no Conservatório de Rennes e no TNS, tendo fundado a Companhia Eclipse em 1977. Entre 1988 e 2005, em Juvisy-sur-Orge, montou textos de Marivaux, Shakespeare, Brecht, entre outros.

Martine Schambacher, actriz também formada no TNS, trabalhou no Théâtre de Carouge, e foi dirigida por encenadores como Jean-Paul Wenzel, Jean-Pierre Vincent, Jacques Nichet, Mathias Langhoff e Bruno Boëglin, entre outros.

LÍNGUA

Francês
legendado em português

DURAÇÃO

1h20

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Voted by the audience of the Festival as the best show in the 2013 edition, *Et si on s'y mettait tous!* combines works of Brecht, Shakespeare, Artaud and Fo, resulting in a hilarious – but thought-provoking – critique of the world's financial mores. François Chattot and friends will park their trailer in old-town Almada and bring this year's audiences plenty of food for thought.

ALMADA

PÁTIO PRIOR DO CRATO

SÁB 05	DOM 06	SEG 07
19H00	19H00	22H00



SHE SHE POP

Co-apresentação: Culturgest

TESTAMENT

TESTAMENTO

PREPARAÇÕES TARDIAS PARA UMA NOVA GERAÇÃO A PARTIR DE *LEAR*Criação colectiva de **She She Pop** e os seus Pais**INTÉRPRETES**Sebastian e Joachim Bark
Lisa Lucassen
Mieke e Manfred Matzke
Ilia e Theo Papatheodorou**CENOGRAFIA**

SSP e Sandra Fox

FIGURINOS

Lea Søvsø

MÚSICA

Christopher Uhe

LUZ

Sven Nichterlein

SOM

Florian Fischer

ASSISTÊNCIA E APOIO DRAMATÚRGICO

Veronika Steininger

LEGENDAS

KITA / David Maß

De todas as permutas em que nos envolvemos, a que acontece entre gerações é a mais complicada e tortuosa. O passado está cheio de datas e de pormenores, de bugigangas, genealogias, leis de descendência e de herança, doenças hereditárias, juramentos de amor, planos de assistência ao domicílio, contas por pagar e sentimentos de culpa – e precisa de ser arrumado.

Inspirado no *Rei Lear* de Shakespeare, *Testamento* foi eleito um dos melhores espectáculos alemães de 2010 no Theatertreffen de Berlim e, desde então, não tem parado de surpreender as salas europeias e mundiais por onde tem passado. Nele, o colectivo procura um utópico compromisso entre gerações, convidando os seus pais a juntarem-se-lhes em palco e a encetarem uma negociação difícil, onde tudo serve de moeda de troca. Peter Crawley, crítico do *The Irish Times*, considera-a uma “peça formalmente aventureira e maliciosamente comovente de reality theatre”, que, através de processos de análise de texto e de auto-análise, “explora arquétipos shakespearianos como modelos duradouros da psicologia contemporânea”.

She She Pop é um colectivo experimental (porque explora os princípios básicos da comunicação teatral) e feminino (independentemente de existirem membros e colaboradores masculinos) de Berlim, fundado no final dos anos 90, que não trabalha com encenadores ou autores: a responsabilidade artística é, na sua totalidade, assumida pelos *performers*, que criam e resolvem problemas em palco, fazendo aquilo que, muitas vezes, é classificado como teatro autobiográfico.

LÍNGUAAlemão
legendado em português**DURAÇÃO**

2h00

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Testament is inspired on Shakespeare's *King Lear*, exploring The Bard's archetypes as models for contemporary psychological types: the members of the She She Pop collective invited their fathers to join them on stage, producing a show that was praised by the critics, selected as one of the best plays of 2010 in Germany, and which has since been presented to audiences throughout Europe and the world.

LISBOA**CULTURGEST**
Grande Auditório

SÁB 05	DOM 06
21H30	17H00



CAIS OESTE

De **Bernard-Marie Koltès**

Encenação de **Ivica Buljan**

INTÉRPRETES

Ana Cris
Alexandre Silva
António Fonseca
Diogo Dória
Pedro Walter
Soraia Chaves
Teresa Gafeira

TRADUÇÃO

Ernesto Sampaio

CENOGRRAFIA

Jean-Guy Lecat

FIGURINOS

Ana Savić Gecan

DESENHO DE LUZ

José Carlos Nascimento

SOM

Mitja Smrekar

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO E PREPARAÇÃO CORPORAL

Alexandre Pieroni Calado

CARACTERIZAÇÃO

Sano de Perpessac

DURAÇÃO

1h30 (aprox.)

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Cais Oeste é a mais recente criação da CTA e a primeira colaboração da Companhia com o encenador croata Ivica Buljan, profundo conhecedor da obra de Bernard-Marie Koltès, de quem já encenou sete peças (biografia na pág. 31). A este cais escuro e desolado chega um homem com vontade de morrer. Veio ao lugar errado: no Cais Oeste, onde o barco para a cidade já não passa nem atraca, apenas se sobrevive. Há muito que os corações foram ao fundo, carregados de desilusões pesadas como pedras, e que o egoísmo e o desespero triunfaram. Já só se entende a linguagem da extorsão, do comércio, do tráfico de favores e influências. Não há constrangimentos ou impossíveis – mas, mesmo assim, Koltès é capaz de resgatar farrapos de afectividade e de sonhos e chegar aos cantos mais recônditos da alma humana.

Bernard-Marie Koltès (1948-1991) é considerado um dos expoentes máximos da dramaturgia francesa contemporânea. Depois de ter frequentado o curso de encenação da Escola de Teatro Nacional de Estrasburgo, sob a direcção de Hubert Gignoux, estreou, em 1977, a sua primeira peça, *La nuit juste avant les forêts*. Seguiram-se *Combate de negro e de cães* (1981), *Cais Oeste* (1986), *Na solidão dos campos de algodão* (1987) e *Le retour au désert* (1988), as cinco peças que o tornaram num dos autores franceses mais representados a nível mundial. Antes da sua morte, publicou ainda *Roberto Zucco* (1990) e *Prologue* (1991).

The third of French playwright Bernard-Marie Koltès' plays, *West Peer* was inspired on an actual abandoned warehouse in New York City (which Koltès assiduously visited during the 80s) and the dreadful inequality and discrimination he witnessed there – two of Koltès' recurring subjects.

ALMADA

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE
Sala Principal

SÁB 05 | DOM 06
21H30 | 16H00



ALMADA DE QUARENTENA

Coordenação artística de **João Brites**

Direcção musical e composição original de **Jorge Salgueiro**

Encenação de **Suzana Branco**

INTÉRPRETES

Ana Lúcia Palminha
Bruno Huca
Suzana Branco

CENOGRAFIA

Rui Francisco

ORALIDADE

Teresa Lima

FIGURINOS E ADEREÇOS

Clara Bento

DESENHO DE LUZ

João Cachulo

DRAMATURGIA E PRODUÇÃO

Miguel Jesus

DURAÇÃO

1h00

CLASSIFICAÇÃO

M/12

O Bando faz 40 anos e quer fazer a festa nos locais e com as pessoas que guardam memória dos seus espectáculos. Prepara-se então para fazer renascer 40 personagens, de 40 autores trabalhados ao longo dos últimos anos pela companhia. A Almada regressam, pois, as personagens de Joana, dos espectáculos *Em fuga* e *Saga*, construídos a partir de textos de Sophia de Mello Breyner Andresen; de Alba, do espectáculo *A noite*, inspirado em textos de Al Berto; e do Cavaleiro de *Ainda não é o fim*, criado a partir de textos de Manuel António Pina. Marcam encontro na Casa da Cerca, naquele que é também o regresso do Festival a este espaço.

Fundado em 1974, e constituindo-se como uma das mais antigas cooperativas culturais do País, o **Teatro O Bando** assume-se como um colectivo que elege a transfiguração estética como modo de participação cívica e comunitária. Na génese d'O Bando encontra-se o teatro de rua e as actividades de animação para a infância, em escolas e associações culturais, integradas em projectos de descentralização. O colectivo tem privilegiado o trabalho dramaturgico sobre textos não-dramáticos de autores portugueses e a transgressão das fronteiras entre géneros, públicos e registos.

Founded shortly after the 1974 Revolution, Teatro O Bando, one of Portugal's oldest and most prominent independent theater companies, is celebrating its 40th anniversary. *Quarentena* was created by the theater collective to commemorate the momentous occasion – a series of shows which will bring 40 of its most emblematic characters back to life.



CINE-TEATRO CONSTANTINO NERY

Co-produção: Câmara Municipal de Matosinhos

UM FIO DE JOGO

De **Carlos Tê**Encenação de **Luisa Pinto****INTERPRETAÇÃO**

Pedro Almendra

CENOGRAFIA

Luisa Pinto e Rogério Marinho

DESENHO E OPERAÇÃO DE LUZ

Bruno Santos

VÍDEO E OPERAÇÃO

Miguel Santiago Miranda

DIREÇÃO MUSICAL

Carlos Tê

PRODUÇÃO MUSICAL

Miguel Ferreira

OPERAÇÃO DE SOM

Filipe Gonçalves

ADEREÇOS E FIGURINOS

Luisa Pinto

Em ano de Mundial, Carlos Tê fez saltar do banco uma peça que começara a escrever para o Euro 2004. Convocou um treinador de futebol, um locutor de rádio, um adepto/co-mentador desportivo e um ponta-de-lança brasileiro, prestes a pendurar as botas, a reflectirem sobre o fenómeno futebolístico: em que momento e por que razão terá virado mito e adquirido essa propriedade anestesiante que nos torna capazes de esquecer, durante 90 ou 120 minutos, as amarguras da vida e as diferenças sociais?

Os clichés, as frases feitas, a adoração pelas lendárias figuras de Garrincha, Pelé, Eusébio, Di Stéfano ou Maradona unem as quatro personagens a que Pedro Almendra, o único actor em palco, dá corpo. Mas não só. O passeio pelas fundações deste fascínio que desafia a racionalidade prolonga-se indefinidamente, transportando-nos das conversas de café para aquelas tardes da nossa infância que, passadas a jogar à bola, pareciam não ter fim.

Carlos Tê (n. 1955, Porto) é cantor, letrista, contista e romanista. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é conhecido pela sua paixão pela música e pelas letras que escreveu para Rui Veloso, os Clã, os Trovante e para as bandas Salada de Frutas e Jafumega. É ainda autor de musicais, de poemas (dispersos por várias revistas de poesia), do romance *O voo melancólico do melro* (2009), dos *Contos supranumerários* (2009) e de um livro dedicado à cidade do Porto, intitulado *Cimo de vila* (2010).

Back in 2004, Carlos Tê started writing a play for that year's Euro-cup. 2014 is a World Cup year – and the author is bringing to the stage the work he had left unfinished: a football manager and a fan, a nearly retired Brazilian center forward, and a radio narrator think and talk about football – about legends like Pelé and Eusébio, but also about the fascination the game provokes.

DURAÇÃO

1h10

CLASSIFICAÇÃO

M/12

ALMADA

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA
Palco Grande

DOM 06
 22H00



CÍRCULO DE TRANSFORMAÇÃO EM ESPELHO

De **Annie Baker**Encenação de **Marcos Barbosa****INTÉRPRETES**

Alheli Guerrero
André Júlio Teixeira
Diana Sá
Emílio Gomes
Teresa Coimbra

TRADUÇÃO

Manuel Neto

CENOGRAFIA

Ricardo Preto

DESENHO DE LUZ

Pedro Vieira de Carvalho

FIGURINOS

Susana Abreu

SONOPLASTIA

Pedro Lima

DURAÇÃO

1h30 (aprox.)

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Numa pequena cidade, a abertura do curso de “Teatro criativo para adultos” desperta o interesse de um carpinteiro recentemente divorciado, de uma estudante de liceu, de uma antiga atriz e do próprio marido da professora, que nele se inscrevem, compondo a mais improvável das turmas. Como num divertido filme *indie* que progressivamente se revela, os participantes realizam os imaginativos (e, por vezes, estranhos) exercícios teatrais pensados pela professora, sem se aperceberem de que, à medida que a sua relação evolui, as actividades lectivas aparentemente inconsequentes dão lugar a dramas reais, de que são os protagonistas.

Círculo de transformação em espelho ganhou o Prémio Obie para Melhor Peça de Teatro Americana de 2010, integrando também as listas de referência do *The New York Times* e da *The New Yorker* para o mesmo ano.

Annie Baker (n. 1981, Boston) venceu o Prémio Pulitzer 2014 com a peça *Flick* (2013). Formada em Escrita Dramática na Tisch School of Arts da Universidade de Nova Iorque, é ainda autora das premiadas peças *The aliens* (2010), *Círculo de transformação em espelho* (2009) e *Body awareness* (2008) e de uma adaptação da peça de Tchecov, *O tio Vânia* (2012), apresentadas em mais de 150 salas americanas e em mais de uma dezena de países.

The opening of an “Adult creative theater workshop” in a small town draws the attention of a recently divorced carpenter, a high school student, a retired actress and the teacher’s husband. They are all quick to enroll, making for a very improbable – and interesting – class. But soon the creative – and strange – theater exercises cross the boundary of the stage into real life.

ALMADA

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE
Sala Experimental

SEG 07

21H30

TER 08

17H00

21H30

QUA 09

17H00

21H30



IMPALPABLE

IMPALPÁVEL

A partir de **Manuel Puig**

Encenação de **Ignacio de Santis** e **Sergio Calvo**

INTÉRPRETES

Elisa Bressán
Malena Schnitzer
Paula Manzone

CENOGRAFIA

Gonzalo Córdoba Estévez

DESENHO DE LUZ

Sandra Grossi

FIGURINOS

Jam Monti

MÚSICA ORIGINAL

Matias Niebur
Nicolás Bari

ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO

Mariana Eramo

LEGENDAS

Ana Carriço

LÍNGUA

Castelhano
legendado em português

DURAÇÃO

1h00

CLASSIFICAÇÃO

M/12

“Rejeitei por completo a realidade em que me coube viver. As comédias e os musicais substituíram-na. A vida na aldeia em que nasci era como um western em que tinha entrado por engano, um filme do qual não podia sair”, disse um dia Manuel Puig, escritor argentino, desaparecido há mais de 20 anos. As mesmas palavras poderiam, no entanto, ter sido proferidas por Blanca, Estela ou Liliana, as protagonistas de *Impalpável*, que, enclausuradas numa aldeia moribunda, sem sonhos no horizonte, encontram na época dourada do cinema dos anos 50 e na biografia das suas atrizes predilectas a única forma de tolerarem as suas próprias desilusões.

Combinando a complexidade característica das personagens de Puig e a feição cinematográfica da sua estética, *Impalpável* tem sido considerado “uma pérola do teatro alternativo” argentino, tendo figurado já em três temporadas do Teatro Extranjero de Buenos Aires. Integrou também, por dois anos consecutivos (2011 e 2012), a programação do Festival ESCENA (Espaços Cénicos Autónomos) e da Bienal Arte Joven de Buenos Aires.

Ignacio de Santis é encenador e actor de teatro, cinema e televisão. Iniciou os seus estudos artísticos em 1992, privilegiando a formação na área das artes performativas.

Sergio Calvo é actor, encenador e designer gráfico. Participou em várias campanhas publicitárias, séries e curtas-metragens, entre as quais se destaca *Dice que no sabe*, de Valeria Sartori.

Impalpable has been called by the critics “a hidden gem of alternative theater”. Based on Manuel Puig’s writings, the play takes place in a small hidden village in Argentina, where the dreams and aspirations of three girls – trapped in a dreamless place – are nurtured only by the glamor of the movies they watch – and live through.



AL PANTALONE

De **Mário Botequilha**

Encenação de **Miguel Seabra**

INTÉRPRETES

Guilherme de Noronha
Rui M. Silva
Sofia Correia
Vitor Alves da Silva

CENOGRAFIA E FIGURINOS

Marta Carreiras

DESENHO DE LUZ

Miguel Seabra

MÚSICA ORIGINAL E ESPAÇO SONORO

Fernando Mota
Rui Rebelo

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO

Emanuel Arada
Marta Carreiras
Vitor Alves da Silva

DURAÇÃO

1h15

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Vasculhando no baú da *Commedia dell'arte*, descobrem-se os ingredientes para contar a história do embuste perpetrado pelo banqueiro Pantalone, sempre pronto a guardar mais uma moedinha no porta-moedas e um amigo influente no coração. Com eles obtém os favores de uma elite servil, sempre pronta a estender a mão, condenando, por sua vez, à miséria aqueles que já se habituaram a pagar o pato. Mas, mesmo quando parece que tudo muda, no final tudo fica na mesma e a culpa continua a morrer solteira. Apesar da ligação ao universo cómico italiano do século XV, o texto de Mário Botequilha é, na verdade, um texto contemporâneo, que se debruça com humor sobre os “*tempos de bancarrota ética e moral*” que são também os nossos.

Miguel Seabra é actor, encenador, fundador e director artístico do Teatro Meridional, juntamente com Natália Luiza. Licenciado em Teatro – Formação de Actores pela ESTC, fundou, em 1992, a companhia que hoje dirige e que foi, em 2010, agraciada com o Prémio Europa Novas Realidades Teatrais. Tem leccionado em instituições de ensino superior nas áreas da interpretação e da encenação. Protagonizou e encenou o Espectáculo de Honra 2013 do Festival de Almada, *O Sr. Ibrahim e as flores do Corão*.

The character of the greedy banker – always willing to save a few nickels and to purchase the favor of a few influential friends – is told in the age-old manner of the *Commedia dell'arte*. But the influence of the 15th century genre is but half the story: Mário Botequilha's work is quite contemporary, casting a humorous look upon on “*our times of ethical and moral bankruptcy*”.

ALMADA

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA
Palco Grande

TER 08
22H00



MINI TEATER SLOVENIA

Co-produção: Novo Kazalište Zagreb, Cankarjev dom Ljubljana

MACBETH AFTER SHAKESPEARE

MACBETH SEGUNDO SHAKESPEARE

De **Heiner Müller**, a partir de **William Shakespeare**

Encenação de **Ivica Buljan**

INTÉRPRETES

Aljaž Jovanović
Anže Zevnik
Jernej Gašperin
Jose
Jure Henigman
Marko Mandić
Miha Rodman
Milena Zupančič
Stipe Kostanić

DRAMATURGIA

Diana Koloini

TRADUÇÃO

Milan Štefe

CENOGRAFIA

son:DA

FIGURINOS

Ana Savić Gecan

COMPOSITOR

Mitja Vrhovnik Smrekar

COREOGRAFIA

Tanja Zgonc

PRODUÇÃO

Robert Waltl

LÍNGUA

Esloveno
legendado em português

DURAÇÃO

2h00

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Ivica Buljan regressa ao Festival de Almada depois de, no ano passado, se ter apresentado em Portugal pela primeira vez com *A linha amarela*. Este ano traz-nos *Macbeth segundo Shakespeare*, de Heiner Müller (1929-1995), numa versão já premiada em festivais de teatro internacionais e uma estreia absoluta no nosso País. *Macbeth segundo Shakespeare* é considerado um dos mais brutais exemplos do exercício de tradução/adaptação frequentemente realizado por Müller a partir de textos de outros autores: como na peça de Shakespeare, Macbeth é um valoroso cavaleiro escocês que, depois de ficar a conhecer as profecias de três bruxas, assassina o rei Duncan de modo a usurpar o trono da Escócia e rapidamente se transformar num tirano impiedoso. O dramaturgo alemão tende, no entanto, a diminuir o peso da predestinação e a agudizar, na sua peça, o ciclo de violência e a crueldade dos protagonistas – em consonância com a sua ideia da História como contínua catástrofe e, concretamente, com a agitação social e política do período em que viveu, muito marcado pela situação da antiga URSS.

Ivica Buljan (n. 1965, Sinj, Croácia), encenador e professor de teatro, foi director artístico do Teatro Nacional da Croácia e co-fundador do Teatro do Mundo, em Zagreb, e do Mini Teater, em Liubliana. Em 2012, recebeu o Prémio Persen, a mais alta distinção cultural do Estado esloveno. A sua encenação de *Macbeth segundo Shakespeare* foi já distinguida com o Prémio Villanueva da Crítica Cubana 2009 e com o Grand Prix do 44.º Borstnik Festival, na Eslovénia.

Macbeth after Shakespeare is one of the most brutal examples of Müller's adaptations and translations: Shakespeare's original is shaped according to Müller's idea of History – largely acquired in the context of life in the USSR – Fate no longer ruling overbearingly over the actions of the characters, accentuating the endless cycle of violence and cruelty.



EL TIEMPO TODO ENTERO

O TEMPO TODO INTEIRO

Texto e encenação de Romina Paula

INTÉRPRETES

Esteban Bigliardi
Julián Larquier
Pilar Gamboa
Susana Pampín

CENOGRAFIA

Alicia Leloutre
Matías Sendón

LUZ

Matías Sendón

De *Jardim zoológico de cristal*, a peça de Tennessee Williams que lhe serviu de inspiração, Romina Paula recupera a estrutura, o fechamento psicológico, o fio nervoso que precariamente mantém unidas as personagens – a mãe, Ursula; a filha, Antonia; o filho, Lorenzo; o amigo do filho, Maximiliano. Porque, afinal, o passado ainda pesa e Antonia mantém-se voluntariamente à margem, encerrada em casa, escondida atrás de livros e do ecrã do computador, escudada na história de Frida Kahlo e nas canções compostas por assassinos com saudades do amor que um dia mataram. Mas esta ociosidade (ou fragilidade) é, em grande medida, apenas aparente. Nas palavras da jovem autora e encenadora – que o *Le Monde* considera “a mais bela promessa da jovem geração teatral de Buenos Aires”, elogiando a sua delicadeza e enorme mestria no manejo do tempo, do silêncio e da palavra –, Antonia “faz da sua fobia um discurso, uma forma de encarar o mundo” – um pouco como a personagem de Bartleby, de Herman Melville, outro dos autores com quem Romina Paula dialoga e no qual se apoia para propor uma nova leitura do tempo.

Romina Paula (n. 1979, Buenos Aires) formou-se em Dramaturgia na Escola Metropolitana de Arte Dramática e, como atriz, com Alejandro Catalán, Ricardo Bartís e Pompeu Audvert. Realizou diversos trabalhos como dramaturga e encenadora, entre os quais se destacam *Algo de ruido hace* e *Ciego de noche*, da jovem dramaturga suíça Darja Stocker. *O tempo todo inteiro* mereceu o Prémio Florêncio Sánchez para Melhor Obra Dramática Argentina. Apresentou-se internacionalmente pela primeira vez em Girona e, depois, no Théâtre du Rond Point, em Paris, no âmbito do Festival d'Automne 2011.

LÍNGUA

Castelhano
legendado em português

DURAÇÃO

1h30

CLASSIFICAÇÃO

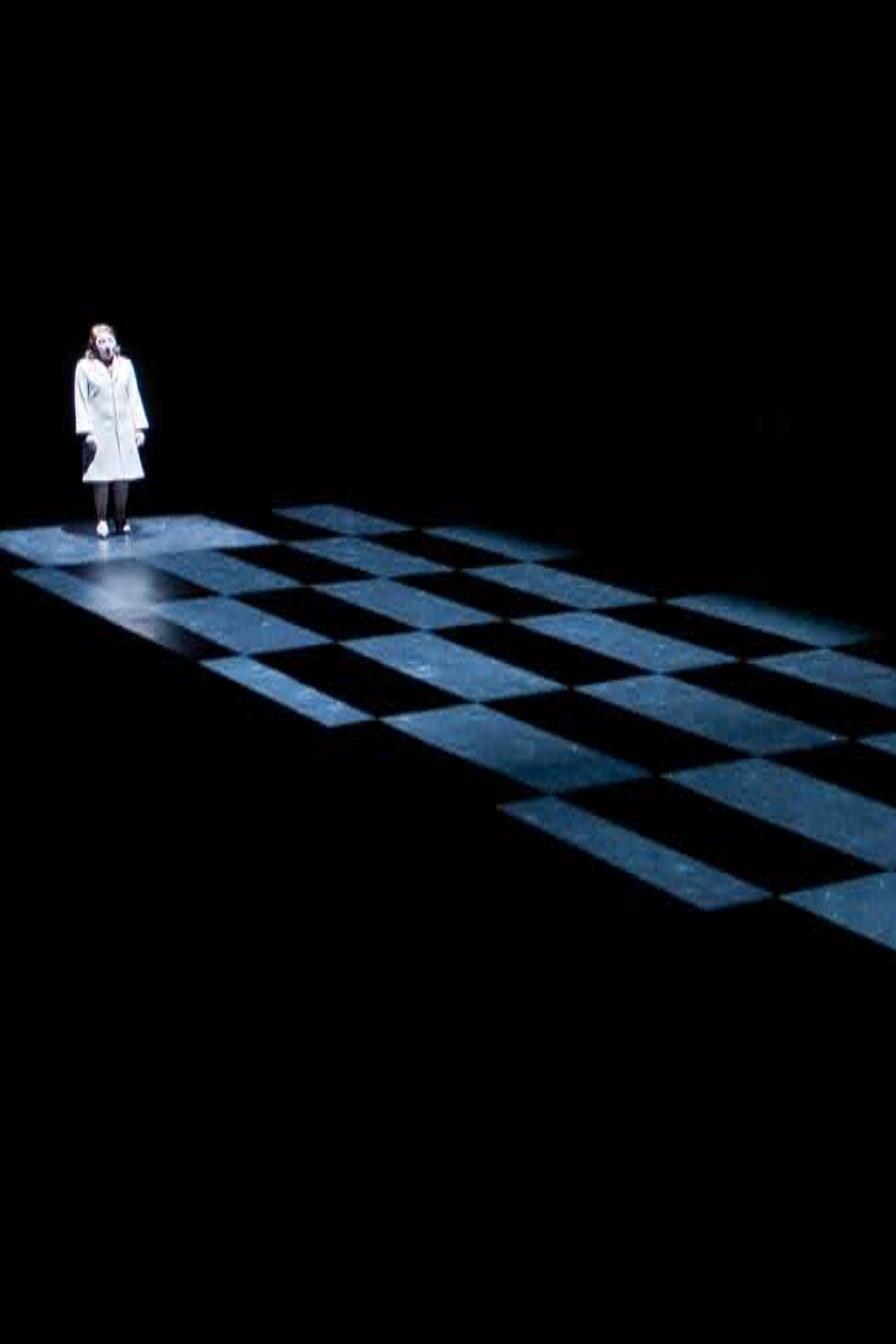
M/12

El tiempo todo entero, the international debut of the young Argentinian director Romina Paula, is loosely based upon Tennessee Williams's *The glass menagerie* – from which it derived its structure. Paula's work, internationally acclaimed by the critics, was saluted by her “mastery of time and silences” and described as “a new way to read the passing of time”.

LISBOA

CENTRO CULTURAL DE BELÉM
Pequeno Auditório

QUA 09
21H00



COMPAGNIE LOUIS BROUILLARD

Co-produção: Odéon-Théâtre de l'Europe, Théâtre National – Bruxelles, Folkteatern – Gotemburgo, Teatro Stabile di Napoli – Nápoles, Théâtre Français du Centre National des Arts du Canada – Ottawa, CNCDC de Châteaувallon, La Filature Scène Nationale – Mulhouse, Les Théâtres de la Ville de Luxembourg, Le Parapluie (Centre International de Création Artistique) – Festival d'Aurillac.

LA RÉUNIFICATION DES DEUX CORÉES

A REUNIFICAÇÃO DAS DUAS COREIAS

Uma criação teatral de **Joël Pommerat**

INTÉRPRETES

Agnès Berthon
Anne Rotger
David Sighicelli
Marie Piemontese
Maxime Tshibangu
Saadia Bentaieb
Philippe Frécon
Ruth Olaizola
Yannick Choirat

CENOGRAFIA E LUZ

Éric Soyer

FIGURINOS

Isabelle Deffin

SOM

François Leymarie
Grégoire Leymarie

VÍDEO

Renaud Rubiano

MÚSICA ORIGINAL

Antonin Leymarie

ADEREÇOS

Thomas Ramon

LEGENDAS

Ângela Pardelha

LÍNGUA

Francês
legendado em português

DURAÇÃO

1h50

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Três anos depois de ter apresentado no Festival de Almada *Círculos/Ficções*, naquela que foi a sua estreia no nosso País, Joël Pommerat, um dos maiores nomes do teatro francês contemporâneo e, até Junho do ano passado, artista associado do Odéon-Théâtre de l'Europe, regressa a Portugal para tentar *A reunificação das duas Coreias*.

Como instantâneos de uma vida familiar ou amorosa sempre turbulenta e imperfeita, dezenas de pequenas cenas, sem aparente ligação entre si, vão-se sucedendo e revelando as mil e uma formas do amor e dos amantes: o amor desfeito, o amor sonhado, o amor inesquecível, o amor comprado; a incapacidade de amar, de estar sozinho, a impossibilidade de dar ou receber o que quer que seja que com ele se pareça. E uma após a outra, no meio de divertidos momentos a cores e de outros tantos retratos a preto e branco, ora se persegue, ora se foge daquilo que, no amor, não somos capazes de explicar.

Joël Pommerat (n. 1963, Roanne) funda a Compagnie Louis Brouillard em 1990, depois de uma breve incursão no mundo da representação, criando os seus primeiros espectáculos no Théâtre de la Main d'Or, em Paris – entre os quais se destacam *Le chemin de Dakar*, *Le théâtre*, *Vingt cinq années*, *Des suées* e *Les événements*. Foi artista residente do Espace Malraux-Scène Nationale de Chambéry et de la Savoie, do Théâtre des Bouffes du Nord (a convite de Peter Brook), do Odéon-Théâtre de l'Europe e ainda do Théâtre National de Bruxelles. Em 2006, foi também artista convidado do Festival d'Avignon, onde recebeu o Grande Prémio de Literatura Dramática por *Les marchands*.

Three years after his Portuguese premiere, Joël Pommerat, who was successively resident director at Peter Brook's Théâtre des Bouffes du Nord, the Odéon-Théâtre de l'Europe and the Théâtre National de Bruxelles, returns to the Festival de Almada with *La réunification des deux Corées* – a collection of small portraits of the thousand shapes of love and lovers.

ALMADA

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE
Sala Principal

QUI 10 | SEX 11
20H00 | 21H30



SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

Co-produção: Teatro Nacional São João

Apoio: Montepio

ODE MARÍTIMA

De **Fernando Pessoa / Álvaro de Campos**Encenação de **Natália Luiza**

INTÉRPRETES

Diogo Infante

João Gil

MÚSICA ORIGINAL

João Gil

CENOGRAFIA

Fernando Ribeiro

DESENHO DE LUZ

Miguel Seabra

VÍDEO

Pedro Sena Nunes

Amanhece. O pacote que entra na barra ancora na alma do homem que, sozinho, a partir do cais deserto, o contempla. Dentro em breve soltará amarras novamente e partirá, com o poeta ao volante, numa viagem imaginária, ao mesmo tempo reflexiva e sensitiva, ao encontro de todos os portos, de todos os mares, de todos os homens, mulheres e crianças que, desde o princípio dos tempos, alguma vez abalaram e atracaram. Lenta primeiro, veloz, delirante e melancólica depois, esta viagem revelar-se-á, ao longo de 904 versos, uma travessia metafísica movida pela hiperconsciência e pela angústia existencial sentida pelo poeta.

Natália Luiza (n. 1960, Moçambique) é atriz, encenadora, autora e co-directora artística do Teatro Meridional. Formada em Psicologia pela Universidade de Lisboa e em Teatro pelo Conservatório Nacional, tem trabalhado regularmente como atriz de teatro e de televisão. No Teatro Meridional tem dirigido várias produções, destacando-se, por exemplo, *Portugal dos poetas* (2011), *Até que um pássaro me saia da garganta* (2012), ou *As centenárias* (2013).

Ode Marítima, by Álvaro de Campos – one of Fernando Pessoa's heteronyms, "the nautical engineer" –, published almost a century ago in 1915, remains as one of the writer's most iconic poems. Alongside *Ode Triunfal*, *A passagem das horas* and *Tabacaria*, it undoubtedly marks the beginning of Portuguese literary modernism.

DURAÇÃO

1h15

CLASSIFICAÇÃO

M/12

ALMADA

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

Palco Grande

QUI 10

22H30



PIGEONS INTERNATIONAL

Co-apresentação: São Luiz Teatro Municipal

Apoio: Caisse Populaire des Portugais de Montréal

L'ARCHITECTURE DE LA PAIX

A ARQUITECTURA DA PAZ

De **Evelyn de la Chenelière**Encenação e coreografia de **Paula de Vasconcelos****INTÉRPRETES**

Ana Brandão
Jean-François Casabonne
Pascale Montpetit
Olivier Rousseau

MÚSICO

Carlos Mil-Homens

CENOGRAFIA

Paula de Vasconcelos

DESENHO DE LUZ

Stéphane Ménigot

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Paul-Antoine

DIRECÇÃO TÉCNICA

Jean-François Bernier Taillefer

AGRADECIMENTO

João Paulo Esteves da Silva

Um pouco por todo o Mundo, vários arquitectos, políticos, intelectuais e artistas têm dedicado o seu tempo ao projecto de uma “*architecture da paz*”. Todos acreditam poder contribuir, com princípios e métodos das suas áreas de estudo, para uma reabilitação duradoura de locais e de comunidades devastadas pela guerra ou por catástrofes naturais. Este espectáculo híbrido, que associa o teatro, a dança e a arquitectura (explorando o potencial apaziguador do espaço, da luz e do som), também acredita no valor da sua contribuição para o tão almejado bem individual e comum. Serão os princípios de harmonia arquitectónica dos templos do Mundo aplicáveis às relações humanas? Será possível reconstruí-las? Construir pontes entre o passado e o futuro? Incluir a poesia, a filosofia e a história na arquitectura das novas cidades e dos novos relacionamentos? É o próprio princípio da reconstrução que é aqui colocado em causa, quando um casal, que outrora o amor unia, se encontra anos mais tarde, depois de uma tragédia ter exigido que se desfizesse e que transformasse em ruínas a relação a que dera início.

A companhia **Pigeons International** foi fundada em 1987 por Paula de Vasconcelos e Paul-Antoine Taillefer, que nela se mantêm como directores artísticos. Quase três décadas depois da apresentação do seu primeiro espectáculo (*Du sang sur le cou du chat*), ao qual se seguiram já duas dezenas de criações originais, a companhia afirma-se como um importante centro no meio cultural de Montréal. Tem como principal objectivo criar e difundir espectáculos híbridos, multidisciplinares e multiculturais, que reúnem o teatro, a dança e as *performances* de artistas provenientes de diversas culturas.

LÍNGUA

Francês

legendado em português

DURAÇÃO

1h15

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Architects, politicians, artists and intellectuals all over the world have dedicated their lives to an “*Architecture of Peace*”, contributing to the rehabilitation of places and communities devastated by war. Are these principles applicable to human relations? The show – a hybrid between theater and dance and architecture – tries to answer this question.

LISBOA

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
Sala Principal

QUI 10	SEX 11	SÁB 12	DOM 13
21H00	21H00	21H00	17H30



LA VERDAD

A VERDADE

Texto e encenação de **Bernardo Cappa**

INTÉRPRETES

Christian García
Martín Bertani
Ricardo Tamburrano
Sabrina Lara
Yamil Chada

FIGURINOS

Paola Delgado

DESENHO DE LUZ

Claudio Alejandro Del Bianco

ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO

Naiquen Aranda

LEGENDAS

David Pais

Na fronteira que separa a ficção da realidade, o facto do mito, vive *A verdade* e, no entender de Bernardo Cappa, a própria Argentina: “*Aqui, a capacidade para ficcionar e ‘argentinizar’ tudo – a política, o futebol, a medicina – é notável. Em todos os países se mente, mas é singular a ambiguidade que a forma de mentir de Buenos Aires pode assumir*”. *A verdade* inspira-se justamente nessa tendência e nasce de uma ideia simples que – à semelhança da tenda que um dia se montou nesse “*laboratório de escrita grupal*” que é, para o dramaturgo e encenador, a sala de ensaios – se agigantou e ganhou forma: dois escritores decidem ir acampar, juntamente com a mulher de um deles. Durante a longa noite que passam num descampado à beira da estrada, dois homens surgem, dizendo que o seu carro avariou e que uma velha actriz, muito conhecida, precisa de chegar ao local das filmagens. A ficção começa então, lentamente, a confundir-se com a realidade. *A verdade* foi eleita, pelo jornal argentino *La Nación*, uma das melhores peças de 2012.

Bernardo Cappa (n. 1969, Bahía Blanca) iniciou a sua carreira artística em 1991, primeiro como actor da Escuela Municipal de Arte Dramático, e mais tarde, em 1996, como dramaturgo. Escreveu e encenou mais de três dezenas de peças que lhe valeram várias nomeações e prémios na Argentina, entre os quais se destacam: o Prémio do Instituto Nacional de Teatro (2000) com *La continuidad del diálogo*; e o Prémio para Melhor Encenação nos Prémios Teatro del Mundo (2011) com *Pezones mariposa*.

LÍNGUA

Castelhano
legendado em português

DURAÇÃO

1h20

CLASSIFICAÇÃO

M/12

According to Bernardo Cappa, Argentina exists in the line separating fact from fiction, and he built *La verdad* upon this idea: two friends go on a camping trip; during the night they spend together (sharing the tent with the wife of one of them), two strangers arrive; their car broke down and the actress inside is late to get to the film set. And then, slowly, reality and fiction start to blend.



COMPANHIA EL SILENCIO

Co-produção: El Cultural San Martín, Festival d'Automne à Paris, Théâtre de la Bastille, Théâtre Garonne, Espaces pluriels e Temporada Alta – Festival de Otoño de Cataluña
Co-apresentação: Centro Cultural de Belém

FAUNA

FAUNA

Texto e encenação de **Romina Paula**

INTÉRPRETES

Esteban Bigliardi
Pilar Gamboa
Rafael Ferro
Susana Pampín

CENOGRAFIA

Alicia Leloutre
Matías Sendón

LUZ

Matías Sendón

SOM

Liza Casullo

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO

Ramiro Bailarini

PRODUÇÃO

Sebastian Arpesella

LEGENDAS

Ângela Pardelha

LÍNGUA

Castelhano
legendado em português

DURAÇÃO

1h30

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Há um filme para fazer e, nas montanhas, uma figura mítica, prestes a virar lenda: Fauna. Jose Luis, o realizador, segue para lá, acompanhado por Julia, a atriz com quem mantém um caso. Da já falecida Fauna sobram, no entanto, apenas dois filhos (Santos e Maria Luisa) e muitas histórias – umas impressionantes, outras mal contadas, algumas talvez pura invenção: sobre desgostos de amor, ávidas leituras, sobre os disfarces de homem que lhe permitiram frequentar as aulas da Universidade e as reuniões do círculo de poetas. Mas o encontro destas quatro personagens, ao invés de clarificar a lenda, apenas a adensa. É na realidade que terão, afinal de contas, de se concentrar.

Fauna é um estudo melancólico sobre a feminilidade, inspirado pelo destino singular da feminista espanhola do século XIX Concepción Arenal. Evocando-a, bem como a Georges Sand, Claude Cahun e Virginia Woolf, Romina Paula reconhece “*ter a ambição de se afastar de um tipo de pensamento binário sobre o conceito de ‘género’*”. As personagens de Fauna escolhem o mesmo caminho e descobrem-se emocionalmente expostas. Querem produzir uma ficção, mas será que esta as expõe ou as protege?”.

A companhia **El Silencio** foi fundada em 2006, ano da primeira colaboração de Romina Paula com os actores Esteban Bigliardi, Pilar Gamboa e Esteban Lamothe, agora membros da companhia. *Algo de ruido hace* (2007) foi a sua primeira criação original, a que se seguiu *El tiempo todo entero* (2010) e *Fauna* (2013). Os três espectáculos foram já apresentados em Espanha, no Brasil e em França, tendo sido fortemente aclamados pelo público e pela crítica.

Fauna, a study on gender and femininity, tells the story of a film director who goes into the wilderness in search of Fauna. The legendary character (inspired on Concepción Arenal, a XIX century Spanish feminist) is long dead, her children tell him. But they also tell him about her having to dress as a man to study at the University, and about her meetings with the other poets...

LISBOA

CENTRO CULTURAL DE BELÉM
Pequeno Auditório

SÁB 12
19H00

LOCAL		ESPECTÁCULO	Pág.
ALMADA	ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA Palco Grande	ORQUÍDEAS COMPAGNIA PIPPO DELBONO	9
		UM FIO DE JOGO TEATRO CONSTANTINO NERY	23
		AL PANTALONE TEATRO MERIDIONAL	29
		ODE MARÍTIMA NATÁLIA LUIZA	37
		O REGIME DA RAÇÃO LA ZARANDA	45
		REI UBU DECLAN DONNELLAN	55
		ARRAIAL DELUXE CIRCOLANDO	61
		AS IRMÃS MACALUSO EMMA DANTE	67
	TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE Sala Principal	CAIS OESTE COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA	19
		A REUNIFICAÇÃO DAS DUAS COREIAS JOËL POMMERAT	35
		ÍON TEATRO DA CORNUCÓPIA	57
		OS LUSÍADAS ANTÓNIO FONSECA	69
	Sala Experimental	CÍRCULO DE TRANSFORMAÇÃO... TEATRO OFICINA	25
		OS NEGROS E OS DEUSES DO NORTE JOÃO GARCIA MIGUEL	53
	FÓRUM ROMEU CORREIA	BRANCA DE NEVE COMPANHIA DE TEATRO CONTEMPORÂNEA	11
		IMPALPÁVEL IGNACIO DE SANTIS E SERGIO CALVO	27
		A VERDADE BERNARDO CAPPÀ	41
		SUADO JORGE EIRO	49
		ALEMANHA NACHO CIATTI	65
	CASA DA CERCA	ALMADA DE QUARENTENA O BANDO	21
	PÁTIO PRIOR DO CRATO	E SE NOS METÊSSEMOS... THÉÂTRE DIJON BOURGOGNE - CDN	15
	INCRÍVEL ALMADENSE	MACBETH SEGUNDO SHAKESPEARE MINI TEATER	31
		PRISÃO DE OCAÑA NAO D'AMORES	51

LISBOA	TEATRO NACIONAL D. MARIA II	PAISAGEM DESCONHECIDA JOSEF NADJ	63
	CENTRO CULTURAL DE BELÉM Pequeno Auditório	O TEMPO TODO INTEIRO ROMINA PAULA	33
		FAUNA ROMINA PAULA	47
	SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL	A ARQUITECTURA DA PAZ PIGEONS INTERNATIONAL	39
	CULTURGEST	TESTAMENTO SHE SHE POP	17
	MARIA MATOS TEATRO MUNICIPAL	CANÇÕES COMENTÁRIOS RUI CATALÃO	13
		LIBRETTO JACINTO LUCAS PIRES E ALMA PALACIOS	59

04 SEX	05 SÁB	06 DOM	07 SEG	08 TER	09 QUA	10 QUI	11 SEX	12 SÁB	13 DOM	14 SEG	15 TER	16 QUA	17 QUI	18 SEX
22H00														
		22H00												
			22H00											
				22H30										
							22H00							
									22H00					
												22H00		
														22H00
	21H30	16H00												
						20H00	21H30							
											21H00			
														10H00
			21H30	17H00 21H30	17H00 21H30									
										17H00	21H30	19H30		
	15H00													
			21H30											
							19H00							
									20H00					
													18H00	
	00H00													
	19H00	19H00	22H00											
				19H00	19H00	18H00								
									22H00	20H00	19H00			

												21H00	21H00	
					21H00									
								19H00						
						21H00	21H00	21H00	17H30					
	21H30	17H00												
	18H30	15H00		21H30	21H30									
											21H30	19H00	21H30	



LA ZARANDA – TEATRO INESTABLE DE ANDALUCÍA LA BAJA

Co-produção: Festival Temporada Alta

Apoio: Embaixada de Espanha em Lisboa

EL RÉGIMEN DEL PIENSO

O REGIME DA RAÇÃO

De **Eusebio Calonge**Encenação de **Paco de La Zaranda****INTÉRPRETES**Francisco Sánchez
Gaspar Campuzano
Javier Sempurn
Luis Enrique Bustos**CENOGRRAFIA**

Paco de la Zaranda

LUZ

Eusebio Calonge

LEGENDAS

David Pais

Dez anos depois da sua última apresentação no Festival, La Zaranda regressa a Almada, desta feita com uma parábola de contornos orwellianos e kafkianos que põe em causa a distância que separa o Homem das bestas. Da mesma forma que nos tornámos dependentes da burocracia, das rotinas e dos prémios de produtividade, também os animais dependem das doses diárias de ração. Só que, entre os porcos, o excesso de ração provocou uma epidemia e, agora, os animais devoram-se uns aos outros. Com a quebra das vendas da empresa que sobrevivía à conta da exploração suína, começam os despedimentos e aumenta o desespero e a desconfiança entre os empregados. Todos lutam por um lugar, por um horário estável e repetitivo, por uma morte indolor – fazendo com que a sua vida se pareça, cada vez mais, com a dos porcos.

La Zaranda foi fundada em 1978, procurando associar “o uso simbólico dos objectos, uma estética simples e poética, textos depurados e acutilantes, bem como um humor demolidor” para criar uma linguagem contemporânea e viva, mas fortemente enraizada na tradição cultural espanhola. Em 2010, foi distinguida com o Prémio Nacional de Teatro, concedido pelo Ministério da Cultura de Espanha, e, em 2013, com o Prémio de Honra Sebastià Gasch em reconhecimento do seu percurso artístico e preponderância cultural na região da Catalunha.

LÍNGUACastelhano
legendado em português**DURAÇÃO**

1h30

CLASSIFICAÇÃO

M/12

An epidemic runs wild in a pig farm, and the animals start feeding on each other. The company's profits dive and it starts laying off workers. Driven by despair, men start fighting amongst themselves: for their jobs, for their stable and repetitive lives and schedule – for a painless death, for a life more and more resembling that of pigs.

ALMADA**ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA**
Palco Grande**SÁB 12**
22H00



SUDADO SUADO

De Facundo Aquinos, Julián Cabrera, Belén Charpentier
Jorge Eiro, Facundo Livio Mejía e Paul Romero
Encenação de Jorge Eiro

INTÉRPRETES

Facundo Aquinos
Facundo Livio Mejía
Julián Cabrera

FIGURINOS

Paola Delgado

DESENHO DE LUZ

Adrián Grimozzi
Eduardo Pérez Winter

CENOGRAFIA

Estefanía Bonessa
Paul Romero

COLABORAÇÃO DRAMATÚRGICA

Ignacio Bartolone

ASSISTÊNCIA ARTÍSTICA

Inés López Vicente

LEGENDAS

Ana Carriço

LÍNGUA

Castelhano
legendado em português

DURAÇÃO

1h00

CLASSIFICAÇÃO

M/12

No início do século XX, quando Buenos Aires era o principal destino das vagas de imigrantes provenientes do interior do país e, sobretudo, do continente europeu, a imigração tornou-se um tema recorrente do teatro argentino, determinando até o nascimento de um subgênero dramático: o grotesco crioulo – que não só reflectia o caos social da capital, como também o drama individual que resultava da situação de incomunicabilidade, das desilusões e do sentimento de desapareço. Apesar de ainda conservar toda a sua actualidade, o tema caiu no esquecimento das salas portenhas. Recupera-o, finalmente, *Sudado*: depois da morte do patrão, os operários Lalo e Ricky (o primeiro, argentino; o segundo, peruano) prosseguem as obras de remodelação de um restaurante de comida peruana, sob as ordens de Alejo, o filho do falecido patrão. A relação que entre os três se estabelece vai revelando, de um modo simultaneamente profundo e divertido, os jogos de dominação, o instinto de afastamento e o desejo de aproximação sentidos pelas personagens.

O actor e encenador **Jorge Eiro** (n. 1981, Buenos Aires) realizou a sua formação teatral com Alejandro Catalán, Ricardo Bartís, Alejandro Tantanian, Pompeu Audivert, entre outros. *Sudado* é a sua estreia como encenador. A peça foi apresentada pela primeira vez em 2011, no Teatro Beckett de Buenos Aires, e reposta em 2012 e 2013, no El camarín de las musas, na mesma cidade. Foi também seleccionada para participar na 9ª edição do Festival Internacional de Buenos Aires.

Early 20th century immigrants in Argentina come mostly from poverty-stricken Italy and Spain, and are now being replaced by economic migrants from Bolivia and Peru. In *Sudado*, which takes place in a Peruvian restaurant being remodeled by two workers – Argentinian and Peruvian – the broad changes in society come to existence on the scale of human relationships.



NAO D'AMORES

Apoio: Embaixada de Espanha em Lisboa

PENAL DE OCAÑA

PRISÃO DE OCAÑA

De **María Josefa Canellada**Dramaturgia e encenação de **Ana Zamora****INTÉRPRETES**

Eva Rufo

Isabel Zamora

SELECÇÃO, ARRANJOS E DIR. MUSICAL

Alicia Lázaro

CENOGRAFIA

David Faraco

FIGURINOS

Deborah Macías

LUZ

Miguel A. Camacho

Pedro Yagüe

VOZ E ELOCUÇÃO

Vicente Fuentes

PRODUÇÃO

Germán H. Solís

LEGENDAS

Levi Martins

LÍNGUA

Castelhano

legendado em português

DURAÇÃO

1h10

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Penal de Ocaña é o mais recente trabalho da companhia Nao d'amores, que até aqui tinha vindo a privilegiar, sob a direcção artística de Ana Zamora, uma linha criativa exclusivamente inspirada no teatro medieval e renascentista. Com este espectáculo – já considerado pelo *Diario ABC* uma das dez melhores encenações de 2013 em Espanha e, pela *Revista Godot Artes Escénicas*, uma das dez melhores produções do circuito off madrileno do mesmo ano – perspectiva-se um novo rumo para a companhia, mais contemporâneo. *Penal de Ocaña* é o título do diário escrito entre 1936 e 1937 pela eminente filóloga María Josefa Canellada, que, assistindo ao eclodir da Guerra Civil, se viu forçada a interromper os seus estudos na Faculdade de Filosofia e Letras de Madrid e a prestar auxílio às vítimas do conflito como enfermeira, primeiro num hospital da esquerda republicana, em Madrid, e, mais tarde, na antiga prisão de Ocaña. A jovem revela-se então a personificação da sensatez, da audácia e da abnegação.

Ana Zamora é formada em Encenação e Dramaturgia pela RESAD. Em 2001 fundou a Nao d'amores, um colectivo de profissionais provenientes das áreas do teatro clássico, dos títeres e da música antiga, com a qual levou à cena autos de Gil Vicente e peças de Joaquín Romero de Cepeda e Lucas Fernández, entre outros. Tem colaborado com várias companhias espanholas, como a Companhia Nacional de Teatro Clássico e o Teatro de La Abadía. O seu trabalho foi já reconhecido com mais de uma dezena de prémios e nomeações.

María José Canellada was forced to interrupt her studies in philosophy by the onset of the Spanish Civil War. She became a nurse to assist the victims in a hospital in republican Madrid, first, and later in the Ocaña penitentiary, where she wrote *Penal de Ocaña*, her diary, between 1936 and 1937 – upon which Ana Zamora's show is based.



OS NEGROS E OS DEUSES DO NORTE

Texto e encenação de **João Garcia Miguel**

INTÉRPRETE

Sara Ribeiro

MÚSICA ORIGINAL

Gil Dionísio

Lula's

Sara Ribeiro

FIGURINOS

Miguel Moreira

VÍDEO E FOTOGRAFIA

Miguel Lopes

APOIO À DRAMATURGIA

Mário Verino Rosado

Marta Lança

Especialmente escrita para a actriz Sara Ribeiro e para os dois músicos que a acompanham em palco, a peça *Os negros e os deuses do Norte* afirma-se como um manifesto acerca daquilo que fazem os artistas que procuram ligar a vida à arte. Por detrás da mais recente criação de João Garcia Miguel está imanente uma figura, ao mesmo tempo sagrada e condenada, que os Romanos legalmente consagraram como *Homo Sacer*: um ser exilado no seio da sua própria comunidade, sem qualquer direito civil, que qualquer um podia matar mas jamais sacrificar em rituais religiosos. Também a protagonista desta peça possui esse dom, essa santidade inversa que os outros não suportam nem desejam ter por perto... Também ela soçobrou perante o seu desejo de mudar o Mundo. Recuperando técnicas narrativas que favorecem a proximidade entre o actor e o espectador e aproveitando a ausência de leis, escrúpulos ou muros intransponíveis, procura-se, entre o Norte e o Sul, o ponto de encontro dos deuses e a possibilidade de partir para longe.

João Garcia Miguel iniciou a sua carreira profissional na década de 80. É um dos fundadores dos colectivos Canibalismo Cósmico, Galeria Zé dos Bois e OLHO – Associação Teatral, que dirigiu entre 1991 e 2002. Em 2003 fundou a Companhia JGM e, em 2008, tornou-se Director Artístico do Teatro-Cine de Torres Vedras. Em 2008 foi distinguido com o Prémio FAD Sebastião Gasch e, em 2014, com o Prémio SPA para Melhor Espectáculo de Teatro, com *Yerma*.

A manifesto about art and the artists who thrive to connect it to life, the center of Garcia Miguel's creation is an ancient figure: *Homo sacer*, the name the Romans gave to the outcast doomed to a life of exile amongst his own peers. The main character of the play has that dual nature – a sort of inverse sainthood – and has also been broken by her desire to change the World.

DURAÇÃO

1h10 (aprox.)

CLASSIFICAÇÃO

M/12

ALMADA

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE
Sala Experimental

SEG 14	TER 15	QUA 16
17H00	21H30	19H30



CHEEK BY JOWL

Co-produção: Barbican, Les Gémeaux/Sceaux/Scène Nationale
e La Comédie de Béthune – Centre Dramatique National du Nord-Pas-de-Calais
Co-apresentação: Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia

UBU ROI

REI UBU

De **Alfred Jarry**Encenação de **Declan Donnellan****INTÉRPRETES**

Camille Cayol
Cécile Leterme
Christophe Grégoire
Sylvain Levitte
Vincent de Bouard
Xavier Boiffier

CENOGRAFIA

Nick Ormerod

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO

Bertrand Lesca

CO-ENCENAÇÃO

Michelangelo Marchese

CO-ENCENAÇÃO E MOVIMENTO

Jane Gibson

COMPOSIÇÃO MUSICAL

Davy Sladek
com Paddy Cunneen

VÍDEO

Benoit Simon
Quentin Vigier

DESENHO DE LUZ

Pascal Noël

FIGURINOS

Angie Burns

LÍNGUA

Francês
legendado em português

DURAÇÃO

1h50

CLASSIFICAÇÃO

M/16

Depois de ter estreado nos Países Baixos e de aí ter dado início a uma digressão por teatros ingleses, franceses, espanhóis e romenos, marcando entretanto presença na Bienal de Veneza 2013, *Rei Ubu* chega finalmente a Portugal na encenação de Declan Donnellan que o *Le Monde* disse libertar “*magistralmente a energia primeva da obra de Alfred Jarry*”. Fazendo emergir a acção da peça de Jarry num contexto burguês, na típica sala de uma típica família da classe média, com o não menos típico adolescente intransigente e embirrento – que, neste caso, é quem detém o controlo de toda a história –, Declan Donnellan parece querer restaurar o gesto inaugural do pioneiro do teatro do absurdo que, em 1896, deu a conhecer, com enorme celeuma, a personagem que criara quando era jovem, quando ainda era capaz de ver para além da superfície das coisas. Rei Ubu é o protagonista de uma corrosiva sátira sobre os abusos do poder e a avareza, uma versão parodiada do Macbeth e do Falstaff shakespearianos, que continua, como há cem anos, apontada aos regimes acéfalos e totalitários.

Declan Donnellan e Nick Ormerod formaram em 1981 a companhia Cheek by Jowl – com a qual realizaram já mais de 30 produções. Sendo considerado um dos mais prestigiados encenadores europeus, Donnellan trabalhou como director associado do Royal National Theatre em Londres, para a Royal Shakespeare Company, para os festivais de Avignon e Salzburgo, e para o Bolshoi. O seu trabalho foi já reconhecido com diversos prémios internacionais, de entre os quais: quatro Prémios Laurence Olivier; o grau de Chevalier de l’Ordre des Arts et des Lettres da França; e o prémio Charlemagne de 1998.

“Donnellan masterfully releases the primal energy of Jarry’s work”, stated *Le Monde* about the English director’s take on *Ubu Roi*, Alfred Jarry’s 1896 play. Donnellan’s work, which was described in *The Times* as “brilliant, moving with physical fearlessness between elegance and hideous indignity” – reinstates *Ubu Roi* as the founding play of the Theatre of the Absurd.

ALMADA

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA
Palco Grande

SEG 14
22H00



TEATRO DA CORNUCÓPIA

Co-produção: São Luiz Teatro Municipal

ÍON

De Eurípides

Encenação e adaptação de Luis Miguel Cintra

INTÉRPRETES

Guilherme Gomes
João Grosso
José Manuel Mendes
Luís Lima Barreto
Luis Miguel Cintra
Luísa Cruz

TRADUÇÃO

Frederico Lourenço

CENOGRAFIA E FIGURINOS

Cristina Reis

DESENHO DE LUZ

Cristina Reis
Luis Miguel Cintra
Rui Seabra

DURAÇÃO

1h45

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Luis Miguel Cintra, homenageado na 31.ª edição do Festival, traz ao TMJB a sua mais recente criação: uma adaptação do *Íon*, raramente feita em Portugal, mas escolhida pelo encenador para integrar o ciclo comemorativo dos 40 anos do 25 de Abril organizado pelo São Luiz Teatro Municipal. Íon é filho do deus Apolo e de Creusa, a princesa ateniense que, depois de o ter abandonado em criança, é incapaz de gerar com Xuto um filho que venha a assumir o trono. Na sua história descobre-se a figura do salvador da cidade que deve ressuscitar da decadência, bem como o atrito existente entre a pequena humanidade individual dos três protagonistas e o seu imenso destino político. A actualidade da leitura de Luis Miguel Cintra assenta na exploração deste confronto e na inclusão de um texto de Pasolini, e de materiais sonoros e cenográficos contemporâneos, como as cores da bandeira nacional e duas canções de Zeca Afonso.

Eurípides (c. 480 a.C. – 406 a.C.) é, juntamente com Ésquilo e Sófocles, um dos três principais tragediógrafos gregos do século V a.C.. Vítima frequente dos ataques dos autores cómicos e poucas vezes premiado nos concursos trágicos, Eurípides tornou-se, no entanto, o mais influente dos três, sendo admirado pelo carácter patético das suas tragédias e pela complexidade que imprime nas suas personagens. Da centena de peças que terá escrito, apenas 17 chegaram até nós, entre as quais se destacam *Alceste*, *Andrómaca*, *As bacantes* e *Medeia*.

Ion is the son of Apollo and the Athenian princess Creusa – who after exposing him as a newborn baby, has since been unable to bear an heir to Xuthu's throne. Cintra's staging establishes parallels between the themes of the tragedy and those of reality: individual humanity vs. political destiny – Ion's, in particular, who is to save the city of Athens from its decadence.

ALMADA

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE
Sala Principal

TER 15

21H00



LIBRETTO

De **Jacinto Lucas Pires**

Coreografia de **Alma Palacios**

INTÉRPRETES

Alma Palacios
Jacinto Lucas Pires

COREOGRAFIA

Alma Palacios

PINTURA

Tomás Cunha Ferreira

FIGURINOS E GRAFISMO

Sara Amado

Em *Libretto*, a actriz, bailarina e coreógrafa francesa Alma Palacios associa-se ao escritor Jacinto Lucas Pires para escrever um argumento de cinema passível de ganhar forma ao vivo, diante dos olhos de espectadores de teatro. Para o conseguir, a dupla de autores aposta no diálogo entre a convenção cinematográfica e a convenção teatral, bem como num conjunto de materiais diversos, que inclui a literatura, a dança, a música, o desenho e a luz. Através deles, e dos corpos e palavras das duas personagens – o escritor criador e a sua indomesticável criatura, em busca da emancipação –, os criadores procuram reflectir sobre as questões da linguagem, da autoria e da tradução (de línguas, géneros, formatos e suportes). Ao intraduzível reserva-se também um lugar especial: o de verdadeira força propulsora da criação.

Jacinto Lucas Pires (n. 1974, Porto) é escritor, realizador e músico. Estudou Direito na Universidade Católica de Lisboa e Cinema na New York Film Academy. Ao seu primeiro livro, *Para averiguar do seu grau de pureza*, seguiram-se outras obras de carácter narrativo, bem como mais de uma dezena de peças de teatro para diferentes grupos e encenadores.

Alma Palacios (n. 1989, Paris) estudou Literatura Moderna na Sorbonne, em Paris (2008) e dança contemporânea na escola P.A.R.T.S.. A bailarina francesa de origem argentina tem, desde então, trabalhado com diversos coreógrafos, tendo sido descrita pelo *Le Monde* como “*uma revelação como não temos ocasião de saudar todos os dias*”.

A writer and a dancer join efforts in creating this play – a dialogue between the languages of film and theater, but also of literature, drawing and light. They both play their roles as characters in a script – the writer, the creator’s, and the dancer, that of his creature in search of freedom. They reflect about art, authorship and translation – what cannot be translated, in particular.

DURAÇÃO

1h00

CLASSIFICAÇÃO

M/12



CIRCOLANDO

Co-produção: A Oficina, Guimarães Capital Europeia da Cultura,
Porto 2.0 e Manobras no Porto

ARRAIAL DELUXE

Direcção de **André Braga e Madalena Victorino**

Dramaturgia de **Cláudia Figueiredo**

INTÉRPRETES

Áfrika Ferrin
Aínoa Vidal
Mafalda Saloio
Patrick Murys
Paulo Mota
Ricardo Machado
Ricardo Vaz Trindade
Romulus Neagu

MÚSICA

Dead Combo

CONCEPÇÃO PLÁSTICA

André Braga

REALIZAÇÃO PLÁSTICA E CONSTRUÇÃO

Nuno Brandão
Nuno Guedes

FIGURINOS

Aínoa Vidal

DESENHO DE LUZ

Francisco Tavares Teles

SOM

André Pires

VÍDEO

Gonçalo Mota

DURAÇÃO

1h30

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Arraial foi criado e apresentado pela primeira vez sob a forma de uma homenagem às festas e romarias do Norte de Portugal. A nova versão – *deluxe* – conta, como antes, com o acompanhamento musical ao vivo dos Dead Combo, mas não com o conjunto de intérpretes amadores que anteriormente havia integrado o espectáculo, entretanto substituído por um elenco exclusivamente profissional. Associando o teatro e a dança, *Arraial deluxe* pretende explorar a convivência de opostos, a um tempo harmoniosa e caótica, que define a tradição festiva popular: o sagrado e o profano, a romaria e os actos de fé, o arraial e as explosões de sentidos, o cru e o piroso, o ancestral e o pós-moderno.

André Braga é actor, encenador, fundador e, ao lado de Cláudia Figueiredo, co-director artístico da Circolando – Cooperativa Cultural. Formado em Desporto e Educação Física pela Universidade do Porto, dedicou-se depois à área das artes performativas, tendo completado a sua formação na École Nationale du Cirque Annie Frattellini.

Madalena Victorino é coreógrafa e professora. Estudou Dança Contemporânea na London School of Contemporary Dance e, em 1980, obteve o grau de professora de dança na Universidade de Londres. Tem merecido destaque o seu trabalho coreográfico em locais não convencionais, como museus, fábricas ou ruas.

Arraial was created as an homage to traditional celebrations and religious feasts of the North of Portugal. This new – *deluxe* – version, still combines dance and theater, creating a festive atmosphere as a tribute to the ancient popular festivities: a mixture of the religious and the profane, of tradition and modernity.

ALMADA

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA
Palco Grande

QUA 16
22H00



CENTRE CHORÉGRAPHIQUE NATIONAL D'ORLÉANS

Co-produção: Festival internacional de dança contemporânea
Onésimo González, Guadalajara, L'Odyssée, Festival Mimos,
Institut national des arts du mime et du geste de Périgueux
Co-apresentação: Teatro Nacional D. Maria II

PAYSAGE INCONNU

PAISAGEM DESCONHECIDA

De **Josef Nadj**, **Ivan Fatjo**, **Akosh Szelevényi** e **Gildas Etevenard**

Concepção de **Josef Nadj**

INTÉRPRETES

Ivan Fatjo
Josef Nadj

MÚSICOS

Akosh Szelevényi
Gildas Etevenard

CENOGRAFIA

Josef Nadj

MÚSICA

Akosh Szelevényi
Gildas Etevenard

LUZ

Christian Scheltens

SOM

Jean-Philippe Dupont

FIGURINOS

Aleksandra Peši

ADEREÇOS

Clément Dirat
Julien Fleureau

VÍDEO

Thierry Thibaut

DURAÇÃO

1h10

CLASSIFICAÇÃO

M/12

O Festival de Almada acolhe a estreia mundial de *Paisagem desconhecida*, de um dos maiores coreógrafos europeus, Josef Nadj. O espectáculo pretende ser um prolongamento e uma transformação de duas produções precedentes: *Diário de um desconhecido*, criada para a Bienal de Veneza e para o Théâtre de la Ville (2002), e *Paisagem depois da tempestade*, para o Festival d'Avignon (2006). A nova criação, em forma de quarteto (com dois bailarinos e dois músicos), evoca a paisagem que transforma – e é transformada – pelo Homem, num conjunto de quadros perspectivados em função da força do seu encontro com o animal. Apesar do seu alcance universal, esta paisagem ancora-se nas recordações da cidade de Kanjiza, na ex-Jugoslávia, onde Josef Nadj nasceu e na qual se inspira frequentemente.

Josef Nadj (n. 1957, Kanjiza) rumo a França em 1980 para frequentar os cursos de mímica de Marcel Marceau e Étienne Decroux. Descobre o universo da dança contemporânea com François Verret, Catherine Diverres e Mark Tompkins, fundando, em 1986, a sua própria companhia: o Théâtre Jel. Dirige desde 1995 o Centre Chorégraphique National d'Orléans, tendo recebido, em 2002, o Grande Prémio da Dança do Sindicato da Crítica (com *Petit Psaume du matin* e *Les philosophes*) e, em 2006, o Prémio Europa Novas Realidades Teatrais.

Josef Nadj, director of the Centre Chorégraphique National d'Orléans and one of the World's most important choreographers, returns to the Festival with his most recent production – a World Premiere – a quartet for two dancers and two musicians inspired on *Journal d'un inconnu* and *Paysage après l'orage*, two of the choreographer's most celebrated creations.

LISBOA

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Sala Garrett

QUA 16 | **QUI 17**
21H00 | 21H00



COMPANHIA GITANA

Co-apresentação: Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia
e Cine-Teatro Constantino Nery

Buenos Aires | ARGENTINA
O NOVÍSSIMO TEATRO ARGENTINO

ALEMANIA ALEMANHA

Texto e encenação de Nacho Ciatti

INTÉRPRETES

Florencia Zothner Ciatti
Guido Botto Fiora
Ivan Moschner
Michel Noher
Mónica Raiola

MÚSICA ORIGINAL

Alan Haksten
Nacho Ciatti

ARRANJOS E DIRECÇÃO MUSICAL

Alan Haksten

FIGURINOS

Gabriela A. Fernández

CENOGRAFIA

Mariana Tirantte

DESENHO DE LUZ

Matías Sendón

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO

Gaby Pastor

LEGENDAS

Levi Martins

LÍNGUA

Castelhano
legendado em português

DURAÇÃO

1h15

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Depois de vinte anos de ausência, um pai regressa a casa. É acolhido pela família que abandonara, sem qualquer pedido de explicações ou sinal de ressentimento: pelo filho pequeno que deixara e que agora virou homem, pela mulher grávida que trocara por aquela com quem foi viver para a Alemanha, pelo filho que entretanto nasceu e que até então desconhecia. Como que por magia, este pai foragido volta a ocupar a casa e a cama que um dia lhe pertenceram – e o tempo parece ter parado para uma família que já não o esperava. Perante a impossibilidade de apagar o passado, resta o caminho da vingança e da confiança nos laços familiares alternativos que entretanto se formaram.

Alemanha valeu ao jovem dramaturgo e encenador Nacho Ciatti a distinção com o prestigiado prémio Trinidad Guevara 2011 na categoria de Revelação Masculina. Desde então, tem sido apresentada em alguns dos mais importantes festivais da Argentina, tais como a Fiesta Teatro Caba 2012, o Festival de Teatro de Rafaela 2012 e o VII Festival Internacional de Teatro de Formosa.

Nacho Ciatti (n. 1983, Rio Gallegos) é actor de teatro e cinema, escritor, encenador e produtor. Estudou Interpretação, na Escola Metropolitana de Arte Dramática de Buenos Aires, e Dramaturgia, com Matthew Feldman, Mauricio Kartun e Ariel Barchilon. Em 2004 fundou, com alunos da EMAD, o grupo de investigação teatral El ensamble orgánico, com o objectivo de criar um teatro moderno e multidisciplinar. Estreou-se como encenador em 2006, com *Samurai*, de Ceferino López, e com *Asilo; para que vuelvas*, da sua autoria.

Nacho Ciatti's *Alemania* is the story of a family: father comes back after spending 20 years away – and almost as if by magic, his wife and children welcome him back as if he had never been gone. In truth, faced with the impossibility of turning back the clock, they plan revenge – and take strength from the alternative family bonds created during his absence.



COMPAGNIA SUD COSTA OCCIDENTALE

Co-produção: Teatro Stabile (Nápoles), Théâtre National (Bruxelas),
Festival d'Avignon e Folkteatern (Gotemburgo), Teatro Radu Stanca (Sibiu)
Apoio: Instituto Italiano de Cultura

LE SORELLE MACALUSO

AS IRMÃS MACALUSO

Texto e encenação de **Emma Dante**

INTÉRPRETES

Alessandra Fazzino
Daniela Macaluso
Davide Celona
Elena Borgogni
Italia Carroccio
Leonarda Saffi
Marcella Colaianne
Sandro Maria Campagna
Serena Barone
Stéphanie Taillandier

ARMADURAS

Gaetano Lo Monaco Celano

FIGURINOS

Emma Dante

DESENHO DE LUZ

Cristian Zucaro

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO

Daniela Gusmano

DISTRIBUIÇÃO

Aldo Miguel Grompone

LEGENDAS

David Pais

LÍNGUA

Dialecto palermitano
legendado em português

DURAÇÃO

1h10

CLASSIFICAÇÃO

M/12

Emma Dante chega a Almada dois dias depois de apresentar *As irmãs Macaluso* ao público de Avignon. Unidas pelo rancor, pela solidariedade e pelo peso de uma tragédia familiar, as sete irmãs comparecem num funeral, para o qual foram convocados não só os parentes vivos, como também os fantasmas daqueles que já morreram – e todas as histórias e memórias que impedem uns e outros de avançar. A ocasião em breve se transforma numa reunião de família, ao mesmo tempo tensa e divertida, que progressivamente vai ganhando contornos de ajuste de contas e de acto terapêutico. Mas o que nela se trava é sobretudo uma aguerrida luta pela emancipação – em relação às expectativas próprias e alheias, ao sentimento de culpa e à morte, que jamais desarma.

Depois de em 2008 ter participado no ciclo de teatro organizado em sua homenagem pelo CCB, no qual apresentou uma trilogia de peças sobre o tema da família, Emma Dante regressa a Portugal e à encenação, que interrompera para se dedicar à realização do seu primeiro filme, *Via Castellana Bandiera* (2013).

Emma Dante (n. 1967, Palermo) é actriz, encenadora e autora de romances e de peças de teatro. É formada em Arte Dramática e Encenação pela Academia Nacional Silvio D'Amico, em Roma, tendo fundado, em 1999, a Compagnia Sud Costa Occidentale. Foi várias vezes distinguida pelo seu trabalho de encenação (em 2004, com o Prémio Gassman e o Prémio da Crítica por *Carnezzaeria*, e, em 2005, com o Golden Graal por *Medea*). Em 2009 venceu o Prémio Cultural Sinopoli.

Seven sisters show up at the funeral of a family member – to which the dead have also been summoned, as have the memories stopping both the living and the dead from moving on. The family reunion, an opportunity to settle old scores, is filled with tension, and eventually becomes a struggle for emancipation – from expectations, guilt, and from death.

ALMADA

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA
Palco Grande

SEX 18
22H00

L V S I A D A S
de Luis de Ca-
moës.

COM PRIVILEGIO
REAL.



em Lisboa, com licença da
Real Academia de Lisboa, e do Ordin
de Ant
impr

SUL – ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA

Co-produção: Roughcut

OS LUSÍADAS

De **Luis de Camões**Concepção de **António Fonseca****INTÉRPRETES**

António Fonseca
 assistido por Sofia Marques
 (Cantos I-X)
 e por dez grupos da comunidade
 (Canto X)

ESPAÇO CÉNICO E FIGURINOS

Marta Carreiras

MÚSICA ORIGINAL

Fernando Mota

DESENHO DE LUZ

José Álvaro Correia

REALIZAÇÃO DO VÍDEO DO CANTO X

Micael Espinha

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Patrícia André

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO

Rosa Cardoso

Em 2008 António Fonseca começou a decorar *Os Lusíadas*, inspirado pelas palavras de António José Saraiva: “*Um velho preconceito tornou Os Lusíadas apanágio dos eruditos e das escolas; mas há no Poema uma oralidade viva, um sabor da palavra gostosa que é própria dos bardos, aedos, dos jograis, dos Antónios Aleixos que nos restam*”. Pela última vez, pelo menos em território nacional, vai dizer a obra integral de Camões depois de o sonho de o fazer em todas as capitais de distrito se ter gorado. A seu lado, para dizer o *Canto X*, terá a comunidade almadense: trabalhadores da Câmara Municipal de Almada, estudantes da Usalma, da Universidade Sénior D. Sancho I, da EB1 de Vale Rosal, elementos do Grupo Cénico da Incrível Almadense, do Clube de Amigos do TMJB, da Associação de Desenvolvimento do Laranjeiro, da Imagem, da CTA e ainda alguns assinantes do Festival. O projecto inclui também a organização de tertúlias (vide p. 81) sobre a actualidade e as relações entre alguns dos temas abordados neste texto basilar da Literatura Portuguesa.

António Fonseca (n. 1958, Santo Tirso) é licenciado em Filosofia, concluindo, em 1977, o Curso de Formação de Actores no Centro Cultural de Évora. Dos seus trabalhos mais recentes como actor destacam-se: *O preço* (2013), de Arthur Miller, e *Vermelho* (2011), de John Logan, ambas encenações de João Lourenço; *O Homem Elefante* (2011), de Pomerance, encenação de Sandra Faleiro; *Ivanov* (2010), de Tchecov, encenação de Tonán Quito; *História do soldado* (2010), de Ramuz / Stravinski com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, direcção de João Pedro Vaz; *Tempestade* (2009), de Shakespeare, encenação de Luis Miguel Cintra; e *Mona Lisa Show* (2008), de Pedro Gil.

Luis Vaz de Camões' 16th century epic poem tells the story of Vasco de Gama's journey to India, recording a momentous event in the history of the world and one of Portugal's greatest achievements. Fonseca will read it – all 1102 stanzas and 8816 verses – for the 2nd time since 2012, paying tribute to one of the most important works of Portuguese literature of all time.

DURAÇÃO

1h00 (cada Canto)

CLASSIFICAÇÃO

M/12

SEX 18**ALMADA**

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE
Sala Principal

Canto I	Canto II	Canto III	Canto IV	Canto V	Canto VI	Canto VII	Canto VIII	Cantos IX e X
10H00	11H00	12H00	14H30	15H30	16H30	17H30	18H30	20H00

ESPECTÁCULO

Rua
Cândido
dos Reis

**CHARME
ROMENO**

TEATRO

SÁB 05 > 20H30

**BATUCA
FITNESS**

MÚSICA

TER 08 > 20H00

**CRASSH
DUO**

MÚSICA

SEX 11 > 20H30

Praça
do MFA

**MODELOS
EM PELOTA**

TEATRO

SEX 04 > 20H30

**CHARME
ROMENO**

TEATRO

SEG 07 > 21H00

VELOCIPÉDIA

PERFORMANCE

QUA 09 > 21H00

Praça
S. João
Baptista

BATUCA FITNESS

MÚSICA

TER 08 > 21H00

Esplanada
da Escola
D. António
da Costa

**MEMÓRIA
DE PEIXE**

MÚSICA

SEX 04 > 24H00

**MANUEL JOÃO VIEIRA
E JOÃO CUSTÓDIO**

MÚSICA

SÁB 05 > 23H00

**CONFESSIONÁRIO
AO CONTRÁRIO**

PERFORMANCE

SEG 06 > 19H45

Praça da
Portela
(Feijó)

VELOCIPÉDIA

PERFORMANCE

QUI 10 > 21H30

ÚLTIMO ADUELA

CIRCO

SEX 11 > 21H30

LOS DERUA

**ÚLTIMO
ADUELA**

CIRCO

SÁB 12 > 19H30

**A BLISSFUL
PIC-NIC**

PERFORMANCE

TER 15 > 20H30

ARRE!

TEATRO

QUI 17 > 20H30

**CRASSH
DUO**

MÚSICA

QUI 10 > 21H00

BAINHA

CIRCO

DOM 13 > 21H00

**THE BLISS
SUPERSTORE**

PERFORMANCE

SEG 14 > 21H00

ARRE!

TEATRO

QUA 16 > 21H00

BAINHA

CIRCO

SÁB 12 > 21H30

**JOÃO
E A SOMBRA**

MÚSICA

SEX 11 > 23H00

**NORBERTO
LOBO**

MÚSICA

SÁB 12 > 23H30

JP SIMÕES

MÚSICA

SEX 18 > 23H00

BLISS PEEK-A-BOO

PERFORMANCE

SÁB 12 > 21H30

ARRE!

TEATRO

SEX 18 > 21H30



An abstract painting featuring thick, textured layers of color. The top section is a vibrant blue, transitioning into a large, dominant red section in the middle. Below the red, there are horizontal bands of orange and yellow, suggesting a layered or geological structure. The brushstrokes are visible, giving the image a tactile, painterly quality.

ACTOS COMPLEMENTARES

O SENTIDO DOS MESTRES

Em colaboração com a Share Foundation, o Festival de Almada inicia um ciclo de cursos, a realizar nos próximos quatro anos, sobre várias disciplinas relacionadas com o teatro, intitulado *O sentido dos Mestres*. Em 2014 o formador será o actor e encenador Luis Miguel Cintra, a quem serão ainda dedicados uma exposição biográfica e um ciclo de cinema. Os cursos decorrerão na Casa da Cerca, em Almada.

RESPOSTA A UMA HOMENAGEM: PARTILHAR CONTAS À VIDA

A pesar de tudo já houve um tempo que vivi em que a face da Arte Portuguesa não era um Cacilheiro reciclado a boiar nas águas de Veneza.

Garanto aos mais novos que foi só um exemplo, mas que aconteceu: foi, depois de alguns dias infernais de trabalho pesado nos Cantieri Navali, um espectáculo, em português, *A Missão*, de Heiner Müller que se apresentou uma noite na Biennale, na presença do autor Heiner Müller que nos viu e me beijou à russa com uma frase que nunca esquecerei: “só os católicos entendem os comunistas”. E um debate público onde só falou depois de lhe pagarem e de nos ter dito: “*não dêem importância aos italianos: só pensam na moda*”. Vi-veu o fim da época que largámos para entrarmos neste novo tempo de tirania do mercado como a necessidade de fazer um rasgão nos céus de papel da memória revolucionária. Trabalhar para o Caos. Mas era italiano o Director da secção Teatro que nos convidava, foi o mais importante e inteligente (!) crítico de teatro do meu tempo: Franco Quadri. O primeiro a me chamar Mestre e a me incluir na École des Maîtres. Já morreu e Heiner Müller também.

Quando pensei que tudo isto já era passado, no sítio onde os Cacilheiros ainda atravessam o Tejo para transportar gente que

ganha mal e trabalha muito, numa cidade de antigos e novos militantes, Almada, há ainda um Festival de Teatro que cria cumplicidades e me quer fazer uma homenagem, ou seja, quer voltar a chamar-me Mestre. Agradeço, mas lembrando o trabalhador incansável que foi Joaquim Benite, só sei responder ao seu sucessor à frente do Festival com mais trabalho: um balanço do que fiz e de como fiz e com quem fiz.

Proponho-me deitar contas à vida (ao trabalho teatral) partilhando esse balanço com velhos camaradas e novas pessoas que andaram e andam no mesmo baloiço. Um desafio a alguns colegas de várias idades para um debate sem pressas na Casa da Cerca: façamos o ponto da situação e um confronto de objectivos, e, ao longo da semana, 5 conversas (um curso?) para acompanhar uma exposição biográfica que tentarei que seja didáctica e que explique a um grupo mais pequeno de pessoas que só se aprendem os 7 ofícios de que o teatro é feito, fazendo e trabalhando, mas que isso exige gostar de não parar de renascer e ter mais foles que os 7 que o gato tem. Leva-nos coiro e cabelo, e lembrando Galy Gay, dá-nos mais calo do que aquele que ganha quem se julga um elefante.

Luis Miguel Cintra

OS INTERESSADOS EM PARTICIPAR NO CURSO DEVERÃO ENVIAR O *CURRICULUM VITAE* E UMA CARTA DE MOTIVAÇÃO PARA geral@ctalmada.pt. A INSCRIÇÃO TEM UM VALOR DE 60€ (30€ SE OS PARTICIPANTES FOREM ASSINANTES DO FESTIVAL DE ALMADA).

UM DIA DE ENCONTRO

SÁB 05 > 10H30 e às 14H30
CASA DA CERCA

Na Casa da Cerca é como se estivéssemos fora do Mundo a olhar para lá. Quase como quando olhamos para as Cidades quando vamos de avião. Tenho boas recordações dos debates a que fui. Gera-se uma calma que acho que vem da distância. Há luz e um rio largo. Às vezes chega ali o ar do mar. Na homenagem que o Festival de Almada me quer fazer e a que tento por todos os meios ao meu alcance retirar o carácter de início de uma reforma que não desejo mas de que, é verdade, chegou o Tempo, pensei em tentar no debate que todos os anos o Festival promove, uma longa e calma conversa entre gente de várias gerações para principal uso, claro está, das gerações mais novas, em que se percebesse o que tem sido o nosso Teatro desde que esta nossa terra em que vivemos tem Democracia, desde há 40 anos, começando pela geração dos que ainda ajudaram a que essa Democracia acontecesse, os de mais de 60, os que com, depois da mudança, foi connosco que começaram a trabalhar e agora já têm talvez 50, e os que nasceram ao som de “O Povo Unido Nunca Mais será Vencido” ou “25 de Abril sempre”, de 40-30 anos, mais os que agora começam. A razão é uma só: o Teatro é como estar vivo, não se

faz sozinho, é nele e com ele que tenho usado a minha vida. E quer se queira quer não, é como a Política devia ser, uma arte de estar com os outros. Mas os outros vão sendo sempre outros, sendo o Tempo o que é. Eu sei, mas sejam os mesmos ou sejam diferentes, o público são os outros. E o nosso ofício, como naquela peça que era Teatro Impossível há um século atrás, e há 20 anos deixou de ser, e agora, felizmente, já é aplaudida na TV, o *Público*, de Garcia Lorca, o nosso ofício é o que antecede e se segue ao diálogo que nem era preciso que um poeta o escrevesse. “Senhor?” – “Que foi?” – “Está aí o público.” – “Que entre!”

Que os que têm cara contem o que quiseram fazer, o que não conseguiram e o que conseguiram, o que ainda queremos que venha a acontecer. Talvez ajude a inventar o que ainda está para vir. Serve, pelo menos, para termos o prazer de nos irmos conhecendo. E eu por mim já mudei o antigo diálogo. Passou a ser: “Estás a ouvir?” – “O quê?” – “Está lá fora imensa gente.” – “Quem?” – “O Manel, a Maria, a Carla, a Sofia, o Tiago, o Rui, o ...” – “E tu estás aí nas calmas? Vamos mas é começar.”

Luis Miguel Cintra

PARTICIPANTES: **Ana Zamora** (Encenadora. Directora da Nao D’Amores) **Bruno Bravo** (Encenador. Director dos Primeiros Sintomas) **Christine Laurent** (Encenadora. Realizadora) **João Brites** (Encenador. Director de O Bando) **João Lourenço** (Encenador. Director do Teatro Aberto) **João Mota** (Encenador. Director do Teatro Nacional D. Maria II) **João Pedro Vaz** (Encenador. Director das Comédias do Minho) **Miguel Seabra** (Encenador. Director do Teatro Meridional) **Nuno Carinhas** (Encenador. Director do Teatro Nacional S. João)

CONVERSA PARA CINCO DIAS

Cinco tardes de conversa com os meus colaboradores sobre os aspectos que o trabalho teatral envolve.

Das 14H00 às 18H00
(todos os dias)
CASA DA CERCA

- SEG 07** Os problemas da formação artística
- TER 08** As formas e os modos de produção e a relação com o público
- QUA 09** Repertórios e textos
- QUI 10** A invenção dos espaços cénicos
- SEX 11** O trabalho com os actores

O SENTIDO DOS MESTRES

A exposição

Luis Miguel Cintra, a personalidade homenageada do Festival deste ano, conta já com mais de uma centena de encenações – quase sempre com cenários de Cristina Reis. Esta exposição na Escola D. António da Costa é um trajecto pela memória desses trabalhos. Trata-se de um registo documental, fotográfico e vídeo, incompleto e fragmentário – mas ainda assim uma parte importante do acervo teatral português.

Lembraram-me que o Festival costuma fazer uma exposição sobre a pessoa a quem presta homenagem. E que queriam também fazer isso comigo. E na minha ânsia de afastar vaidades e querer ir logo direito ao assunto, coisa que tantos dissabores me tem trazido, creio que me saltou boca fora, ou podia ter saltado, e com razão: “*Expor o quê? O que fiz como encenador? Já passou. E o que fiz como actor também. Não me importo com isso, até gosto. Que material posso expor?*”. Tinha uma embirração especial por Bob Wilson. Quando vi o primeiro espectáculo de Bob Wilson fiquei boquiaberto. O que me fazia ficar de pé atrás até então era aquele aparato tecnológico que desalmava tão gráficas imagens. Mas para espanto meu não era assim, era teatro mesmo, tão teatro que passava, e nas fotografias e descrições não, e era o mais importante, o que de mais frágil tem: as dissonâncias, as falhas naquele sistema tão aperfeiçoado de criar efeitos visuais. Mas pensando nestas coisas e pensando sobretudo que o que fiz no teatro e que é próprio de um encenador, ou de um actor, como eu os entendo, é viver para os outros e pelos outros, e tive a sorte de trabalhar a vida inteira e quase sempre com uma amiga (a Cristina Reis) que me ajuda a ver muitas belas imagens onde eu tenho tendência para ver primeiro dinâmicas de comportamentos, resolvi que aceitava que se fizesse para que se visse e se tomasse consciência do que tem sido o trabalho dela. E, apesar de tudo, também quanto já trabalhei. Passa já bastante dos 100 espectáculos. No cinema, é outra coisa; férias. Sou um pobre admirador dos belos artistas em quem confiei.

É portanto uma exposição dos trabalhos da Cristina... e da Cornucópia, quer dizer, de fotografias de cenários povoados. E que fosse, valia a pena. Eu não tenho cuidado nenhum em preservar documentos e até tenho horror a ver as gravações vídeo, que temos feito... Chateia-me, porque o “*recuerdo*” é sempre melhor. Mas depois comecei a habituar-me à ideia, passando por uma fase em que dizia a mim próprio: e quem é que vai fazer essa exposição. Mas lembrei-me de outra coisa. Não disse já tantas vezes que o que faz a qualidade do actor é a sua capacidade de se expor, é gostar de se mostrar? Onde vem então o medo de fazer uma exposição? Parece que é a primeira vez que te permites entrar no circo? “*Menina, não sejas vaidosa... isso é coquetterie*”. E concluí: vamos a isso, e quem vai conduzir a exposição sou eu.

Mais uma máscara. Mas sinto-me em casa e entre amigos. Noutro contexto, a um Festival brasileiro que me queria homenagear respondi: “*como assim? se os brasileiros não conhecem sequer o que faço? Se nunca apresentei um espectáculo no Brasil?!*” E se conhecessem tenho quase a certeza de que não gostavam. Coisas do clima, ou do mercado. A fruta lá é diferente... A língua é portuguesa. Escreve-se da mesma maneira graças a um acordo em que o meu pai trabalhou, porque sabia que é difícil negar a História. Mas os ouvidos não ouvem o mesmo.

E comecei a reparar que grande parte dos que nos vêem agora têm menos de 40. Que memória podem ter do que fizemos? Aliás são esses que começam a convencer-me de que ainda vale a pena fazer mais...

Luis Miguel Cintra

ALMADA

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

04 a 18 JUL > Das 15h00 às 24h00

Uma casa pequenina para o cinema

Eu queixo-me de que não é do cinema que gosto mais mas fiz muitos filmes e orgulho-me da minha filmografia. Tive a sorte de me cruzar com muita gente boa. Comecei logo com dois realizadores maravilhosos, cada qual a seu modo: o João César Monteiro e o Paulo Rocha. E foram-me fiéis. No fim das suas vidas continuaram a chamar por mim. E como é sabido, fui sempre fiel à profunda amizade e admiração pelo decano dos realizadores portugueses, Manoel de Oliveira, que começou num filme de sete horas, que é a filmagem integral de uma peça de teatro em versos franceses, *Le Soulier de Satin* de Claudel. E outros filmes de Oliveira são teatro filmado: peças do seu amigo José Régio, o recente *Gebo e a Sombra* de Raul Brandão, por exemplo. Muitos foram os cruzamentos entre teatro e cinema.

Há também realizadores que filmaram espectáculos nossos como quem faz um filme, ou encontraram na Cornucópia assunto e meios humanos para filmar: é o caso da Solveig Nordlund que filmou *E não se pode exterminá-lo?* e transformou a *Música para si* num filme diferente do espectáculo e filmou Dalila Rocha em *Novas perspectivas*; é o caso do José Álvaro de Moraes, espectador fidelíssimo da Cornucópia e que nos 25 anos de companhia quis fazer um filme que acabou por não assinar porque não teve condições para o fazer como queria. Há uma realizadora que se tornou encenadora de teatro porque

me chamou para um filme em que nos conhecemos, rodado num teatro, o Garcia de Resende de Évora, que voltou a ser de ópera e onde me pôs a dirigir as *Bodas*, a Christine Laurent, e acabou por fazer o seu último filme (*Demain?*) com actores portugueses que conheceu connosco. E há o Joaquim Pinto e o Nuno Leonel que vieram filmar o *Fim de Citação*. E o Ricardo Aibéo, actor tantos anos na casa, que se tornou também realizador e que, quando ensaiámos *A Tempestade* de Shakespeare, fez um filme a que chamou *A Ilha*, e que é um retrato da Companhia que reconheço e me toca, e que, a nosso pedido, também filmou um espectáculo para nós muito importante: o *Miserere*. E uma das nossas atrizes, a Sofia Marques, que recentemente virou documentarista e filmou o trabalho do António Fonseca com *Os Lusíadas* e filmou a preparação de um espectáculo nosso especial, recente, o *Ilusão*, com actores não profissionais, e que irá apresentar durante o Festival esse filme, na fase de montagem em que estiver.

O Festival de Almada vai tentar que uma selecção/montagem de excertos de filmes em que participei, e alguns dos filmes mais directamente ligados ao teatro, possa ser vista em dvd numa salinha montada para o efeito durante o tempo de Festival. Eu virei cada dia de certa maneira apresentá-los a quem os quiser ver.

Luis Miguel Cintra

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

- SEG 07 > 19H00** **A ilha dos amores** (Paulo Rocha, 1982, 100 min.)
TER 08 > 19H00 **O bobo** (José Álvaro de Moraes, 1987, 100 min.)
QUA 9 > 19H00 **'Mon cas'** (Manoel de Oliveira, 1987, 92 min.)
QUI 10 > 19H00 **A morte do príncipe** (Maria de Medeiros, 1991, 62 min.)
SEX 11 > 19H00 **A louca jornada** (a partir de uma ideia de José Álvaro Moraes, 2001, 47 min.)
DOM 13 > 16H00 **O Novo Testamento de Jesus Cristo segundo João**
(Joaquim Pinto e Nuno Leonel, 2013, 129 min.)
SEG 14 > 18H00 **Fim de citação** (Joaquim Pinto e Nuno Leonel, 2013, 90 min.)
QUA 16 > 19H00 **'Miserere'** (Ricardo Aibéo, 2013, 90 min.)
QUI 17 > 18H00 **A ilha** (Ricardo Aibéo, 2013, 60 min.)

FÓRUM ROMEU CORREIA

- SEX 18 > 19H00** **A ilusão** [título provisório] (Sofia Marques, 2014, 60 min. aprox.)

Trabalhos recentes

De **Manuel Vieira**

Direcção e coordenação de **Ana Isabel Ribeiro**

Quando estamos perante a obra de um autor é quase sempre inevitável a procura de contaminações e influências mais ou menos evidentes, a procura de fundamentos para rotular o seu trabalho. Assim, comodamente e com as condicionantes do conhecimento que temos deste ou daquele artista, desta ou daquela corrente, vamos percorrendo uma exposição ou folheando um catálogo ou um livro com reproduções melhor ou pior impressas. Para alguns é essa a sua leitura de conforto.

Por isso, quando estamos perante as obras de Manuel Vieira corremos, também, esse risco. A propósito destes trabalhos recentes já foram feitas referências ao *surrealismo*, a *Chirico*, ao *paisagismo antropomórfico*, aos *velhos truques do repertório surrealista e maneirista*... Mas, seguir este caminho não é perder de vista a autenticidade do seu autor na obsessão de nele encontrar os outros?

Não sei se estamos em presença de um *artista Xamã* ou de um demiurgo, perante um

criador e uma força criativa que desconforma o conformado e desfigura o figurado, reconfigurando-o. Resultará tudo isto num estilo ou numa identidade autoral? A ausência de verismo formal e figurativo remete o observador para lugares em tudo diferentes dos já conhecidos. Mas há quase sempre equilíbrio, um ponto central à imagem que tudo une ou dispersa. Uma fuga para lá dos nossos olhos que se inquietam à procura de um qualquer entendimento. Olhos que terão como guia um desenhar seguro, inscrito em traços continuados e repetidos que conhecem bem árvores e folhas, mulheres e homens, peixes e pássaros, paisagens e rochas, céus, caprichos e recantos. Por isso são lugares que surgem perante nós, vindos sabe-se lá de onde, com uma estranha clarividência. Precisam, então, de ser descobertos e reencontrados. Calmamente. Mas, para que tal aconteça, é necessário visitar esta exposição. Aqui fica o convite.

Ana Isabel Ribeiro

Directora da Casa da Cerca

ALMADA

CASA DA CERCA

CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

20 JUN a 21 SET

TER a SEX > 10H00 às 18H00

SÁB e DOM > 13H00 às 18H00

Encerra às Segundas e feriados

Transfigurações

De **Manuel Vieira**

Curadoria de **André Gomes**

Esta exposição – que consiste na apresentação de imagens pintadas sobre um suporte físico (tela, papel) às quais são sobrepostas projecções de imagens do mesmo tipo, assim como de imagens em movimento (neste último caso, filmes) – além de confrontar a pintura com a imagem fotográfica, utiliza a primeira como *lugar* da segunda, como contexto da segunda. As composições referem-se a construções teatrais e ao jogo

do palco/moldura, cenografia e actores, sendo estes últimos apresentados como projecções diáfanas. As pinturas são transfiguradas pelas projecções sucessivas, perdendo o seu carácter material no jogo de sombras e luzes. Uma espécie de cruzamento entre um pequeno teatro de bolso e o kinetoscópio. Este exercício aborda desta forma bidimensional os dispositivos cénicos que são criados para mostrar imagens narrativas.

Manuel Vieira

05 JUL a 05 OUT

QUI a SÁB > 19H00 às 21H00

DOM > 15H00 às 19H30

Em dias de espectáculo está aberta até às 22H00

ALMADA

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

Galeria

O novíssimo teatro argentino

Com **Bernardo Cappa**, **Facundo Aquinos**, **Ignacio de Santis**, **Nacho Ciatti**, **Romina Paula** e **Sergio Calvo**

A presentámos no Festival de Almada, nas últimas duas décadas, criadores de teatro argentinos como Daniel Veronese, Rafael Spregelburd ou Claudio Tolcachir. A dramaturgia argentina, graças à sua vitalidade e originalidade, tem conquistado os diferentes públicos de vários festivais europeus. A chave deste sucesso não deve ser procurada em factores exógenos aos próprios espetáculos: o apurado trabalho de actores, ancorado em textos que abordam temas candentes da sociedade contemporânea, é a fórmula que tem cativado o público de Avignon, Edimburgo, Madrid, Paris, Barcelona... Mas existe uma nova geração de criadores argentinos – muitos deles ainda desconhe-

cidos da cena europeia. Se é verdade que, com a geração anterior, partilham Mestres como Ricardo Bartís, e o seu Sportivo Teatral do característico bairro de Palermo, também é verdade que já olham para esses mesmos artistas como tratando-se de “*encenadores consagrados*”.

A urgência premente do teatro argentino – fruto das dificuldades com que se debate – obrigou a presente geração (que agora acaba de passar a barreira dos 30) a crescer depressa e a procurar um espaço de afirmação nas salas alternativas de Buenos Aires.

Para quem os quiser ouvir, eles aí estão – com a garantia de que não nos deixarão indiferentes.

PARTICIPANTES

Bernardo Cappa (n. 1969, Bahía Blanca), actor, encenador e dramaturgo, escreveu e encenou mais de três dezenas de peças, que lhe valeram várias nomeações e prémios entre os quais se destacam o Prémio do Instituto Nacional de Teatro (2000) com *La continuidad del diálogo* e o Prémio para Melhor Encenação nos Prémios Teatro del Mundo (2011) com *Pezones mariposa*.

Facundo Aquinos (n. 1982, Buenos Aires) estudou representação e Música e Artes na Universidade de Buenos Aires. Tem interpretado vários textos de autores argentinos contemporâneos, como Pablo Tur, Florencia Mazzone, ou Fabián Díaz. Na bienal de Arte Jovem 2013 venceu o prémio de Melhor Actor pela sua interpretação em *Sudado*.

Ignacio de Santis, (n. 1980, Caba) actor e encenador, iniciou os seus estudos artísticos em 1992, privilegiando uma formação na área das artes performativas. Estudou Teatro, Dança Folclórica e Contemporânea, Expressão Corporal e Vocal, mas trabalha sobretudo como actor de teatro, cinema e televisão.

Nacho Ciatti (n. 1983, Buenos Aires), actor de teatro e cinema, escritor, encenador e produtor, estudou interpretação e dramaturgia em Buenos Aires. Em 2011 foi distinguido com o prestigiado prémio Trinidad Guevara pelo seu trabalho como dramaturgo e encenador de *Alemania* e, desde então, tem-se apresentado em alguns dos mais importantes festivais da Argentina.

Romina Paula (n. 1979, Buenos Aires) estudou dramaturgia e representação em Buenos Aires. Como dramaturga e encenadora destacam-se os seus trabalhos *El tiempo todo entero* (2010), que mereceu o Prémio Florencio Sánchez para melhor obra argentina, e *Fauna* (2013), a sua última criação, ambas muito bem recebidas pela crítica internacional.

Sergio Calvo (n. 1977, Buenos Aires) é actor, encenador e designer gráfico. Participou em várias campanhas publicitárias, séries televisivas e curtas-metragens, entre as quais se destaca *Dice que no sabe*, de Valeria Sartori, premiada em 2009 no concurso nacional de curtas-metragens da associação A Mulher e o Cinema, e *Corto Helvético al Femminile de Suiza*.

CO-ORGANIZAÇÃO: EMBAIXADA DA ÁUSTRIA EM LISBOA

Apresentação de “Autobiografia” de Thomas Bernhard

Autobiografia, título nunca atribuído pelo autor a estes cinco volumes publicados entre 1975 e 1982, representa uma peça essencial para o entendimento da obra do escritor austríaco Thomas Bernhard. *A causa, A cave, A respiração, O frio e Uma criança* – publicados pela primeira vez em língua portuguesa, com o apoio da Embaixada da Áustria, pela editora Sistema Solar, na tradução de José Palma Caetano – servirão como pretexto para uma “segunda leitura” de um escritor actualíssimo que continua a fascinar e a desafiar o seu público. Abrangendo apenas a infância e a juventude do Autor, os textos autobiográficos de Thomas Bernhard concentram-se em episódios decisivos para a construção da sua personalidade como

escritor. Na narrativa episódica da sua vida, disfarçada como ficção e evitando uma ordem cronológica, Bernhard demonstra que a tentativa de transmitir a “verdade” de uma existência está destinada ao fracasso. Como exercício radical e doloroso de auto-reflexão, *Autobiografia* descreve um conjunto de experiências recorrentes na obra declaradamente fictícia de Thomas Bernhard: a rejeição do filho ilegítimo, nunca reconhecido pelo pai e degenerado pela mãe, o internamento numa instituição nacional-socialista, o “inferno da escola”, o ódio ao Estado e a visão desiludida do Mundo – e a obsessão da escrita, de uma prosa progressiva e liberta na sua “musicalidade” de repetições, associações, e composições de palavras.

PARTICIPANTES

José António Palma Caetano (Tradutor)

Orlando Grossegeesse (Professor universitário)

Rui Madeira (Encenador e director da Companhia de Teatro de Braga)

Thomas Stelzer (Embaixador da Áustria em Lisboa)

CASA DA CERCA – CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

SÁB 12 > 16H00

SEMINÁRIO DE INTERPRETAÇÃO

O NOVÍSSIMO TEATRO ARGENTINO

O actor argentino Facundo Aquinos, intérprete de *Sudado*, realiza um seminário destinado a estudantes de teatro, baseado na própria poética de cada actor, naquilo que no teatro sul-americano é tido como “dramaturgia do actor”. Cada intérprete serve-se do seu próprio mundo, da sua expressividade e singularidade no palco, sempre que, no momento de actuar, tem de confrontar-se com as suas próprias virtudes e dificuldades. A partir de exercícios de improvisação procurar-se-á que cada estudante crie uma personagem na situação que lhe coube imaginar.

Facundo Aquinos (n. 1982, Buenos Aires) estudou Música no Conservatório Manuel de Falla, licenciando-se em Artes na Universidade de Buenos Aires. Como actor, os seus Mestres foram Alejandro Zigman, María Onetto e Alejandro Catalán, com quem ainda estuda ocasionalmente.

Tem interpretado vários textos de autores argentinos contemporâneos, como Pablo Tur, Florencia Mazzone, ou Fabián Díaz. Na bienal de Arte Jovem 2013 venceu o prémio de Melhor Actor pela sua interpretação em *Sudado*.

ALMADA

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE
Sala de Ensaios

SEG 14 > Das 15H00 às 19H00

INSCRIÇÃO GRATUITA

António Fonseca propõe um conjunto de conversas que, tendo como ponto de partida Os Lusíadas, estabelecem paralelos e pontes com a contemporaneidade – promovendo ainda uma outra leitura da obra de Luís de Camões.

Corrupção

QUA 09 > 22H00

Cine Incrível Bar | *Rua Capitão Leitão, nº 1, Almada*

A partir do final do Canto VII, Camões, que até aí se tinha contido na denúncia, não poupa a ganância, a incompetência e a corrupção reinantes no Portugal da segunda metade do século XVI. Ou será na primeira do século XXI?

O amor e a carne

QUI 10 > 22H00

Chá com histórias | *Rua Cândido dos Reis, 129, Cacilhas*

Os Lusíadas têm um episódio erótico (a visita de Vénus a Júpiter no Canto II), três referências a histórias de amor – Formosíssima Maria e Inês de Castro (Canto III), Adamastor (Canto V), e uma grande orgia bucólico-carnal no Canto IX. Que dicotomia é esta?

Deuses e deusas

SEX 11 > 22H00

Calhambeque Almadense | *Rua Capitão Leitão, 60-A, Almada*

Há dois consílios de deuses: no Canto I, no Olimpo, e no Canto VI, no fundo do mar. A preparação deste último faz inveja a qualquer cronista social. A partir daqui Baco e Vénus agem por conta própria: no Canto I, II, VI, VIII e IX. Ganha Vénus, claro! Porquê?

Os dias e as noites - o tempo

SÁB 12 > 18H00

Esplanada do Fórum Romeu Correia | *Praça da Liberdade, Almada*

Deslindar as “*incoincidências*” do calendário Juliano e do calendário Gregoriano – o de Camões e o nosso, respectivamente. Os amanheceres e os caíres de noite, em estrofes esparsas, do princípio ao fim do Poema. Ou não fosse o Tempo um dos pilares de qualquer narrativa.

Negócios

TER 15 > 23H00

Acerca da noite | *Rua da Cerca, nº 1, Almada*

O sonho de D. Manuel no Canto IV, a chegada à Índia e o primeiro contacto dos Portugueses com Monçaide e o Samorim no Canto VII, por exemplo, deitam por terra o edifício patrioteiro erguido à volta das nucleares motivações idealistas da viagem de Vasco da Gama.

Discursos

QUA 16 > 23H30

Esplanada da Escola D. António Costa | *Avenida Prof. Egas Moniz, Almada*

Discutem-se as peças retóricas d'*Os Lusíadas*, entre as quais se contam alguns dos momentos mais sublimes da obra, como a do enviado de Vasco da Gama ao rei de Melinde e depois a de Vasco da Gama, no Canto II, ou a de Nun'Álvares antes da batalha de Aljubarrota, no Canto IV.

DOCUMENTÁRIO

8816 versos

DOM 06 > 21H00

Um filme de **Sofia Marques** com **António Fonseca**

Cine Incrível Bar | *Rua Capitão Leitão, nº 1, Almada*

Imagem Sofia Marques, Paulo Abreu, Nani Espinha, Ricardo Rezende, Micael Espinha e Pedro Macedo **Som** Patrícia André, Sofia Marques e Frederico Gracias **Edição de Imagem** Francisco Moreira **Música Original e Versões de "Piano Trio op. 100" de Franz Schubert** Jon Luz **Narração de excertos do 'Diário' de António Fonseca** Sofia Marques **Mistura** João Eleutério (Armazém 42) **Design & Layout** David Gabriel **Direcção de Produção** Patrícia André **Produção Executiva** Pedro Rodrigues **Produção** Roughcut

Ao fim da tarde, a Esplanada da Escola D. António da Costa recebe alguns dos criadores presentes em Almada, para conversar sobre os seus espectáculos. Este ano, inicia-se uma colaboração com a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro, cujos membros assumem a moderação de maioria dos encontros.

João Brites e Suzana Branco

SEG 07 > 18H30

MODERADOR: **Rui Pina Coelho**

O fundador d'O Bando e a encenadora de *Almada de quarentena* conversam sobre o espectáculo que comemora os 40 anos da sua companhia.

Marcos Barbosa

TER 08 > 19H00

MODERADOR: **Samuel Silva**

Recentemente distinguido pela APCT pela sua encenação do *Rei Lear*, Marcos Barbosa apresenta pela primeira vez em Portugal uma obra da dramaturga norte-americana Annie Backer.

Miguel Seabra

QUA 09 > 19H00

MODERADORA: **Rita Martins**

O director do Teatro Meridional – que no ano passado interpretou *O Sr. Ibrahim e as flores do Corão* como Espectáculo de Honra – regressa numa incursão pelo universo da *Commedia dell'arte*.

Ivica Buljan

QUI 10 > 18H00

MODERADOR: **João Carneiro**

O croata Ivica Buljan, encenador com vasta experiência de trabalho em diferentes partes do Mundo, partilhará com o público as suas impressões sobre a “aventura” de Almada.

Natália Luiza

SEX 11 > 18H00

MODERADORA: **Maria João Brilhante**

Natália Luiza, que dirigiu um dos mais emblemáticos textos de Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, fará nesta conversa o balanço da experiência que a levou a Lisboa e ao Porto.

Declan Donnellan

DOM 13 > 18H30

MODERADORA: **Maria Helena Seródio**

Esta é uma oportunidade rara para conversar com um prestigiado Mestre de teatro da actualidade – tal como no passado, na mesma Esplanada, com Claude Régy ou Matthias Langhoff.

João Garcia Miguel

QUA 16 > 18H00

MODERADOR: **Levi Martins**

Recentemente premiado pela SPA pela sua criação de *Yerma*, João Garcia Miguel apresenta *Os negros e os deuses do Norte*, uma das seis estreias do Festival de Almada.

André Braga e Cláudia Figueiredo

QUI 17 > 19H00

MODERADORA: **Eunice Tudela Azevedo**

Aquela que será, porventura, a mais internacional das companhias portuguesas repõe em Almada um *Arraial* estreado durante a Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura.

A anteceder os espetáculos da noite no Palco Grande, a Esplanada da Escola D. António da Costa acolherá, no total, sete concertos de vários géneros musicais, num percurso que, aliando tradição popular e modernidade, passa pela América Latina, Itália, Roménia, Cabo Verde e Península Ibérica.

Pasquala e Fauna *Ritmos latinos e Fusão*

QUA 04 > 21H00

Pasquala Ilabaca, cantora e compositora de Valparaíso, no Chile, cantará *troles*, *cuecas* e *cumbias* sul-americanas (mas também *drum and bass*), acompanhada por acordeão e piano, com a sua banda Fauna.

Grupo Doina *Música folk romena*

DOM 06 > 21H00

O grupo folclórico Doina Baraganului tem vindo, ao longo dos últimos trinta anos, a divulgar a cultura romena em numerosos festivais europeus, recriando as danças, os cantares e os trajes tradicionais da Roménia, em espetáculos vibrantes e cheios de cor.

Trio Morabeza *Música cabo-verdiana*

TER 08 > 21H00

A voz de Mário Rui, a viola de Armando Tito e o cavaquinho de Zé António dão a conhecer as mornas, as *coladeras* e o *funaná* do famoso trio cabo-verdiano, cuja história se cruza com a de alguns dos nomes maiores da música do arquipélago, tais como Bana ou Cesária Évora.

Pakita Pouco *Fusão*

QUI 10 > 21H00

Nascido em 2009, o projecto reúne a cantora espanhola Irene Trascasa e os músicos portugueses Rui Neves e Filipe Simões num exercício original que procura fundir influências *pop*, *rock* e *jazz*, e as raízes de um território musical comum. O grupo editou já *Pakita Pouco* (2011) e *Gentil* (2014).

Edison Otero Trio *Ritmos latinos*

SÁB 12 > 21H00

Proveniente da Colômbia, o trio liderado pelo trompetista Edison Otero (ao qual se juntam o guitarrista Alexander Cevallos e o percussionista Yanier Martinez), traz até Almada a quente sonoridade da salsa, mas também a da *cumbia* e do *vallenato*, ritmos tipicamente colombianos.

Orquestra Gera Jazz

SEG 14 > 21H00

O ensemble formado em 2010 a partir da Orquestra Geração e dirigido pelo maestro Eduardo Lála integra alunos da Escola Básica do 2.º e 3.º ciclos de Miguel Torga, na Amadora, que dão, na Escola de Jazz do Hot Clube, os primeiros passos na aprendizagem deste género musical.

La Bottega di Figaro *Música popular italiana*

QUA 16 > 21H00

O grupo apresenta uma selecção de temas populares da música italiana das décadas de 50 e 60, imortalizados por intérpretes como Ornella Vanoni, Nanni Svampa e Gabriella Ferri e que ficaram conhecidos por *canzoni della mala* (ou, em português, “canções da má vida”).

Rocío Keuroghlanian *Tango argentino*

SEX 18 > 21H00

A voz de Rocío Keuroghlanian e a guitarra de João Bengala propõem-nos uma viagem às raízes do tango argentino. Através de temas instrumentais e cantados, a dupla parte ao encontro dos letristas, compositores e intérpretes que mais enaltecem a música nacional desse país.

Contactos e acessos

ALMADA

PALCOS

- 1 Teatro Municipal Joaquim Benite** | Av. Prof. Egas Moniz | 21 273 93 60
GPS Latitude 38.676238, Longitude -9.160173
- 2 Escola D. António da Costa** | Av. Prof. Egas Moniz
GPS Latitude 38.677009, Longitude -9.159218
- 3 Fórum Romeu Correia** | Praça da Liberdade | 21 272 49 20
GPS Latitude 38.678575, Longitude -9.157797
- 4 Casa da Cerca** | Rua da Cerca | 21 272 49 50
GPS Latitude 38.405892, Longitude -9.93503
- 5 Pátio Prior do Crato** | Pátio Prior do Crato
GPS Latitude 38.683550, Longitude -9.158515
- 6 Incrível Almadense** | Rua da Soc. Fil. Incrível Almadense | 21 275 09 29
GPS Latitude 38.682266, Longitude -9.157816

ESPECTÁCULOS DE RUA

- 1 Rua Cândido dos Reis** (junto ao Posto de Turismo)
GPS Latitude 38.685067 | Longitude -9.152459
- 2 Praça do MFA**
GPS Latitude 38.67962 | Longitude -9.155302
- 3 Praça de S. João Baptista**
GPS Latitude 38.678575, Longitude -9.157797
- 4 Praça da Portela, Feijó**
GPS Latitude 38.656579 | Longitude -9.153745

TERTÚLIAS

- 1 Cine Incrível Bar** | Rua Capitão Leitão nº 1
GPS Latitude 38.683073 | Longitude -9.15767
- 2 Chá com histórias** | Rua Cândido dos Reis 129, Cacilhas
GPS Latitude 38.6857 | Longitude -9.149501
- 3 Calhambeque Almadense** | Rua Capitão Leitão 60-A
GPS Latitude 38.686578 | Longitude -9.148997
- 4 Acerca da noite** | Rua da Cerca, nº 1
GPS Latitude 38.683561 | Longitude -9.159306

LISBOA

Teatro Nacional D. Maria II | Praça D. Pedro V | 21 800 213 250
GPS Latitude 38.714483, Longitude -9.139705

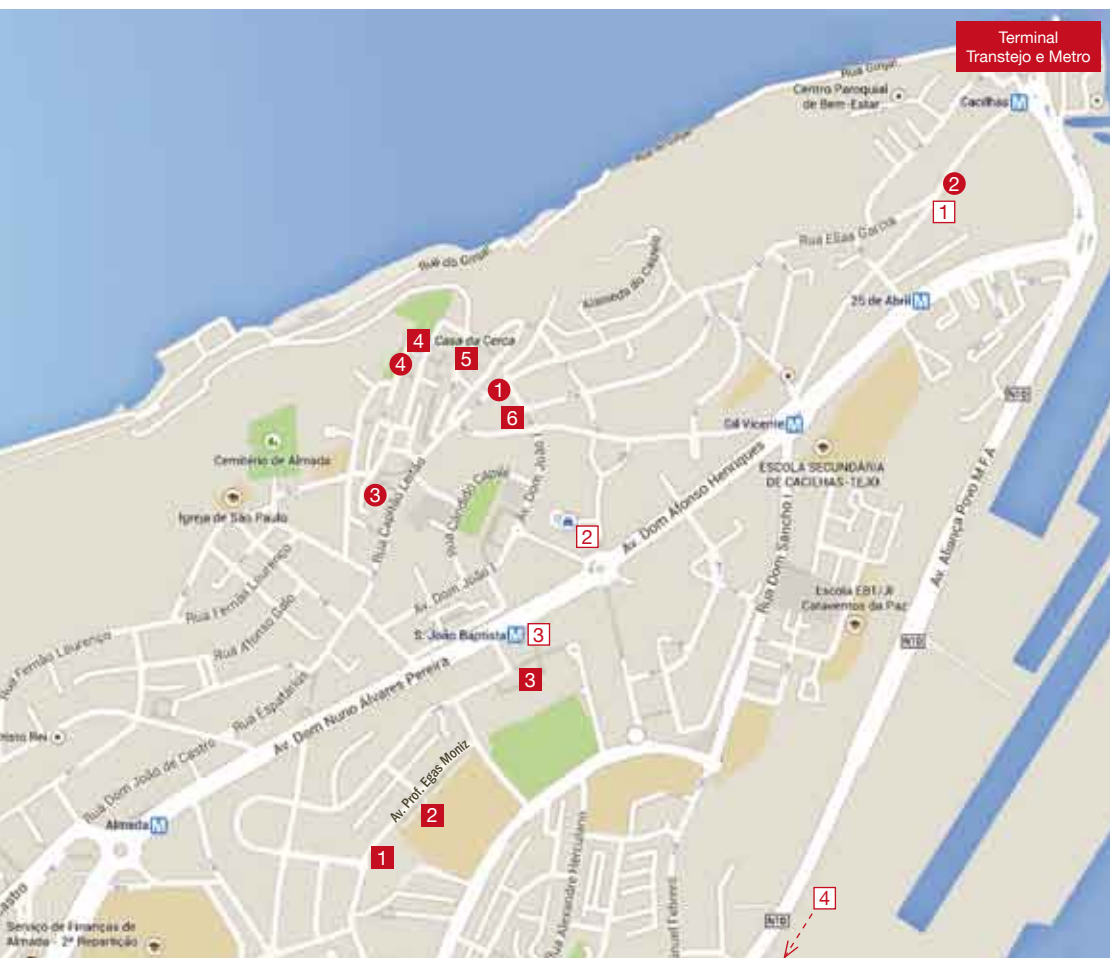
Centro Cultural de Belém | Praça do Império | 21 361 2400
GPS Latitude 38.414481, Longitude -9.122651

São Luiz Teatro Municipal | Rua António Maria Cardoso, 38 | 21 325 76 50
GPS Latitude 38.709709, Longitude -9.142497

Culturgest | Rua Arco do Cego | 21 790 51 55
GPS Latitude 38.741038, Longitude -9.143034

Maria Matos Teatro Municipal | Av. Frei Miguel Contreiras | 21 843 88 01
GPS Latitude 38.745871, Longitude -9.138592





Autocarros (TST)

Carreira 152 – Pç.ª de Espanha / Pç.ª S. João Baptista (Almada)

PARTIDAS DE LISBOA | ALMADA
Todos os dias entre 06H40 e as 00H45.

PARTIDAS DE ALMADA | LISBOA
Todos os dias entre 06H00 e as 00H00.

Carreira 160 – Pç.ª do Areeiro / Pç.ª S. João Baptista

PARTIDAS DE LISBOA | ALMADA
Todos os dias entre as 07H05 e as 21H30.

PARTIDAS DE ALMADA | LISBOA
Todos os dias entre as 06H20 e as 20H45.

Carreira 176 – Cidade Universitária / Pç.ª S. João Baptista

PARTIDAS DE LISBOA

Dias úteis

Entre as 08H10 e as 20H20.

Sábados, domingos e feriados

Entre as 15H00 e as 18H00.

PARTIDAS DE ALMADA

Dias úteis

Entre as 06H45 e as 19H30.

Sábados, domingos e feriados

Entre as 14H15 e as 17H15.

Comboios Fertagus

Lisboa (Areeiro) >> Pragal

Dias úteis

Entre as 05H43 e as 01H28

Três últimos comboios às 23H58, 00H43 e 01H28.

Sábados, domingos e feriados entre as 06H43 e as 00H43 com intervalos de 30 minutos.

Pragal >> Lisboa

Dias úteis

Entre as 05H49 e as 00H59

Três últimos comboios às 22H59, 23H59 e 00H59.

Sábados, domingos e feriados

Entre as 05H49 e as 00H09 com intervalos de 30 minutos.

Cacilheiros

Partidas Cais do Sodré

Todos os dias

Entre as 05H40 e a 01H40

Três últimos barcos às 00H05, 01H00 e 01H40.

Partidas Cacilhas

Todos os dias

Entre as 05H20 e a 01H20

Três últimos barcos às 00H05, 00H40 e 01H20.

Metro Sul do Tejo

Todos os dias

Entre as 05H00 e as 02H00

Assinaturas

Assinatura para todos os espectáculos

GERAL	70€
JOVEM	40€
CLUBE DE AMIGOS DO TMJB	60€

PROMOÇÃO ESPECIAL

DUAS ASSINATURAS “GERAL” = 50€ CADA

PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ AO DIA 28 DE JUNHO

A Assinatura do Festival de Almada, impessoal e transmissível, dá direito à entrada em todos os espectáculos realizados no Palco Grande da Escola D. António da Costa, na Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite e no Fórum Municipal Romeu Correia, num dos dias programados para a respectiva apresentação. Nas restantes salas, o acesso livre dos detentores de títulos de Assinatura está dependente dos lugares disponíveis.

ATENÇÃO: As reservas de lugares de Assinatura só são respeitadas até 48h antes do início do espectáculo.

Bilhetes avulso

ALMADA

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA – PALCO GRANDE	15€
TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE Sala Principal	15€
TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE Sala Experimental	10€
FÓRUM ROMEU CORREIA	10€
PÁTIO PRIOR DO CRATO	10€
CASA DA CERCA	10€
INCRÍVEL ALMADENSE	10€

LISBOA

TEATRO NACIONAL D. MARIA II	5€ a 17€
CENTRO CULTURAL DE BELÉM	10€ a 12,5€
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL	5€ a 15€
CULTURGEST	5€ a 14€
MARIA MATOS TEATRO MUNICIPAL	5€ a 12€

31.º FESTIVAL DE ALMADA

FUNDADO POR JOAQUIM BENITE

Director artístico

Rodrigo Francisco

Director de produção

Carlos Galvão

Director técnico

José Carlos Nascimento

Produção

Paulo Mendes

Montagem

Guilherme Frazão

Administração

Susana Fernandes

Secretária da direcção

Ana Patrícia Santos

Cartaz

Manuel Vieira

Consultor artístico

André Gomes

Programação de espectáculos de rua

Hugo Cruz

Comunicação

Eduardo Brandão

Design

João Gaspar e Gonçalo Marto

Assinaturas e Público

Carina Verdasca

Traduções

Ana Carriço, Ângela Pardelha, David Pais
Levi Martins e Pedro Ferreira

Fotografia

Rui Carlos Mateus e Luana Santos

Acolhimento

Miguel Martins, Federica Fiasca
e Pedro Walter

Equipa técnica central

João Farraia, João Martins
Miguel Laureano e Paulo Horta (TMJB)
Tasso Adamopoulos (Palco Grande)

Responsáveis técnicos

Guilherme Frazão (TMJB)
Manuel Mendonça (Fórum Romeu Correia)
José Carlos Nascimento (TNDMII e Palco Grande)
Rui Marcelino (Centro Cultural de Belém)
Paulo Prata Ramos (Culturgest)
Hernâni Saúde (São Luiz Teatro Municipal)
José Rui (Maria Matos Teatro Municipal)

Recepções

Teresa Gafeira e Sónia Freire

Bar

Miglena Vancheva

Restaurante

Diana Alex, Firmina Albacini
Rosângela Vervloet e Sónia Freire

Bilheteira

Sofia Bravo

Estagiários

Escola Secundária Fernão Mendes Pinto
Ezequiel Mialda
Nicole Magalhães
e Patrícia Ameão

Escola Secundária Romeu Correia
Ermenegilda Ramos
Janoilson Gonçalves
e Wilson Gonçalves

Escola Secundária Sebastião Gama
Joana Baioneta, Joana Freitas
e Maria Francisca Anastácio

Escola Anselmo de Andrade
Elias Nazaré e Pedro Casaca

Escola Secundária D. Pedro V
Ana Sofia Marques e Daniela Macrão

